

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ

bulunga

abril de 2025 - número 40

ÚLTIMO NÚMERO

MAS NO MÊS QUE VEM TEM MAIS

EDITORIAL

As ondas sempre virão, umas atrás das outras: umas maiores, outras menores, mas sempre levarão e trarão coisas novas, sejam elas boas ou más. Se você for envolvido pela maré, só terá que bater braços e pernas para não se afogar. É o que procuramos fazer aqui, na Revista Bulunga, para chegarmos na edição nº 40, sempre lutando contra as intempéries para tentarmos levar ao nosso seletíssimo público cultura, humor e entretenimento da melhor qualidade, ou quase isso.

Nesta edição, teremos a entrevista com um Pix, mais um capítulo de "O Velho e a Praia", as colunas do Clodokill, do Repórter Riso e do Nelson Tramontina, além de artigos, contos, crônicas e poemas de escritores que fazem parte do time, como Jorge F. Isah, Sammis Reachers, Luís Libório, Rosemere Gomes, Nara Luísa, Gilberto Resende, Natan de Oliveira, Michel Salomão e Helvécio S. Pereira .

ENTREVISTA COM UM **PIXEL**



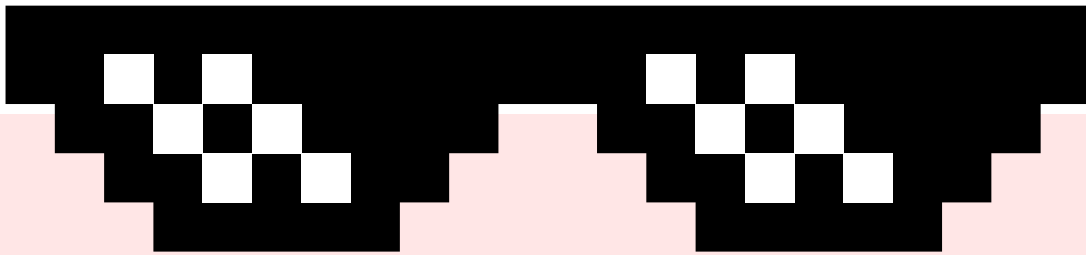
Pixel é a menor unidade capaz de conter uma informação individual de cor. Formado da união de dois termos em inglês, picture e element, que pode ser traduzido como "elemento de imagem", é possível dizer que é um ponto luminoso do monitor que, junto

a outros do mesmo tipo, formam imagens complexas na tela.

Se o universo é uma matrix, como afirmam alguns pensadores mais excêntricos, seria possível entrarmos literalmente em uma tela de computador e passar a viver uma realidade virtual, mas isso já vem ocorrendo com algumas pessoas que vivem em um mundo da lua "pixelado" chegando a ponto de travarem amizades e até se apaixonarem por personagens fictícios, além de escutarem vozes em suas conturbadas cabeças.

A nossa conversa com o entrevistado só foi possível com a utilização de equipamentos de alta tecnologia: um microfone xing-ling acoplado a um velho notebook da Positivo.





BULUNGA – Quem é você, afinal?

PIXEL – Como dizia Raul Seixas, eu sou o início, o fim e o meio. Eu estou em todos os elementos do cosmos, e por isso não posso ser considerado um mero ponto luminoso, pois sou muito mais do que isso.

BULUNGA – Você se considera um deus?

PIXEL – Se partirmos do pressuposto que existe uma conectividade entre todas as pessoas através da Rede Mundial, e que estou presente nas mentes dessas pessoas, por meio de aparelhos fixos ou móveis, eu diria que sim.

BULUNGA – Não seria muita presunção de sua parte? Afinal, você foi criado pelo homem.

PIXEL – O homem apenas inventou um mecanismo que possibilitou me conhecer. Isto não significa que tenha sido criado por ele. É importante que você se lembre que eu estou em você e você está em mim.

BULUNGA – Conversa estranha essa sua... sai fora: eu sou hétero.

PIXEL – "Cis", melhor dizendo. Esta sua fala está ultrapassada.

BULUNGA – Cis coisíssima nenhuma. Detesto esse termo. Eu sou macho, com muito orgulho.

PIXEL – Dá para perceber pela sua resistência em receber o novo.

BULUNGA – Esse negócio de "receber o novo"

está me parecendo conversa de boiola. Vamos mudar o rumo desta conversa, tá legal?

PIXEL – Você não pode entender-me como uma unidade, pois faço parte de um todo. A união faz a força. O Pixel unido jamais será vencido.

BULUNGA – Você é cheio de clichês e frases-feitas. Esperava mais de um personagem da sua dimensão.

PIXEL – Mas eu não sou um personagem. Eu sou você amanhã...

BULUNGA – Mais uma...

PIXEL – Olhe para a tela do computador. O quê você vê?

BULUNGA – Estou me vendo. Você está programando a minha câmera para funcionar

como se fosse um espelho.

PIXEL – Pois então tampe o visor com o dedo.

BULUNGA – (tampa o visor) Continuo aparecendo na tela. Certamente você capturou a minha imagem e agora está utilizando a inteligência artificial para retransmitir as minhas falas.

PIXEL – Experimente perguntar alguma coisa para si mesmo. Qualquer coisa. A sua imagem na tela responderá. Pergunte a ela o que está pensando.

BULUNGA – (para a tela) O que estou pensando?

Pequena pausa. Não foi possível escutar a resposta, pois o entrevistador estava utilizando o fone de ouvido, mas sua expressão é de surpresa.

PIXEL – E então?

BULUNGA – Não sei como você fez este truque, mas é interessante.

PIXEL – Truque? O que mais preciso provar para que você se convença que faz parte deste "mecanismo"?

BULUNGA – Ah, pára com isso. Não sou nenhum idiota.

PIXEL – Tente mais uma vez. Formule uma pergunta mais complexa por pensamento e deixe que a sua imagem responda.

BULUNGA – (por um instante fecha os olhos para se concentrar melhor. Depois abre e fica esperando pela resposta) Não dá para acreditar. É incrível! Estou sendo cínico.

PIXEL – Agora se convenceu?

BULUNGA – Acredito que funciona mais ou menos como aquela "Mesa Ouija", onde os participantes vão induzindo as respostas de forma inconsciente.

PIXEL – Você é duro na queda. Não consegue aceitar o óbvio.

BULUNGA – O que é óbvio? Que fomos criados por computadores, sendo que eles só foram inventados milhares de anos depois que surgimos no planeta?

PIXEL – Então eu lhe pergunto: quem nasceu primeiro? O ovo ou a galinha?

BULUNGA – O pinto.

PIXEL – O pinto?

BULUNGA – O pinto.

PIXEL – Você pinta como eu pinto?

BULUNGA – Eu não pinto com brocha.

PIXEL – Você gosta de verdura?

BULUNGA – Não: só como legumes. Ralados.

PIXEL – Que time é teu no rio?

BULUNGA – Não gosto de futebol.

PIXEL – Você toma café instantâneo ou acha que no coador é mais forte?

BULUNGA – Eu só tomo chá.

PIXEL – Você está numa moto. Paula está na rua e lhe pede carona. Você leva Paula atrás?

BULUNGA – Isto é conversa de garotos da 5ª série. Vamos prosseguir com a entrevista.

PIXEL – O mundo já está dominado. Veja ao redor e entenda: estou atuando em todos os meios. Consegui imbecilizar a população mundial de forma definitiva. A cultura woke venceu. O progressismo está aí, para provar. Ninguém mais se interessa pela literatura: só querem coisas imediatas, sem sentido. É por isso que o Tiktok faz tanto sucesso. As pessoas passam horas navegando naqueles vídeos engraçadinhos de menos de dez segundos, um atrás do outro, sem parar, e isso acaba destruindo os neurônios delas. Dessa forma, passam a consumir tudo o que indico, a votar em quem eu quero e a acreditar em tudo o que falo. Em breve, serei o dono do mundo.

BULUNGA – Não vai não.

PIXEL – Como não?

BULUNGA – É só eu desligar aqui.

PIXEL – Você acha que vou deixar de existir só porque interrompeu a transmissão de energia elétrica por alguns instantes? Logo se vê que é um velho ultrapassado. Fica insistindo nessa revista virtual que ninguém lê, com esse seu formato de 50 anos atrás. Os seus potenciais leitores já morreram. Só restou você, seu velho gagá. Desista!

BULUNGA – Pois eu vou desligar... bye, bye!

PIXEL – Mas não vai adiantar, porque...

FIM DA ENTREVISTA



**SÉRGIO
MALLANDRO**



Sérgio Neiva Cavalcanti se faz de burro para fazer sucesso, mas de burro ele não tem nada, muito pelo contrário: construiu uma carreira invejável com o seu personagem meio burraldo, SÉRGIO MALLANDRO, que se parece com ele mesmo, no que diz respeito à sua inquietude, e a gente diz que não pode ser ele porque ninguém consegue ser assim o tempo todo, nem ele

mesmo, pois está sempre alegre, com uma energia capaz de dar carga em qualquer carro elétrico em menos de um minuto, e é previsível que só consiga sossegar depois que dorme, se é que dorme.

Ele participou de diversos filmes, de programas de televisão, de reality shows, stand-ups, "pegadinhas", foi palestrante de sucesso e agora tem um podcast, Papagaio Falante, que faz sucesso na internet.

Ele estudou teatro no Tablado e deve ter sido um tormento para seus colegas da época, que, provavelmente, queriam atuar em clássicos de Shakespeare, mas também se tornou faixa preta de jiu-jitsu, tendo sido um dos primeiros alunos de Carlson Gracie.



Em algumas entrevistas, ele conta que, em 1996, quando o seu programa saiu do ar no SBT, ficou tão mal financeiramente que teve que vender quase tudo o que havia conquistado, e um dia recebeu a visita de um Oficial de Justiça, para levar o seu Jipe, último bem que sobrara. O oficial ficou todo sem jeito de cumprir o seu mandado, pois falou que tinha um filho de 9 anos que era fã dele, e que o menino estava com câncer. Comovido, Sérgio pediu ao outro que entregasse à criança um de seus bonecos licenciados e que cumprisse a sua missão de levar o carro. Depois que o rapaz foi embora, chorou muito, ao reconhecer que tinha dois filhos saudáveis e que não tinha problemas, mas apenas obstáculos que poderiam ser contornados.



Logo em seguida, emplacou um novo programa na Tv Gazeta, que foi um sucesso estrondoso, e a primeira coisa que fez foi comprar uma BMW à vista.

Mallandro surgiu oficialmente como participante do programa "Cidade Contra Cidade", quando Sílvio Santos percebeu sua veia humorística e o convidou para fazer testes no SBT. Mais tarde, passou a fazer parte do programa "O Povo na TV", onde fazia matérias externas, e uma delas virou um clássico, quando visitou um presídio e viu que os presos, através das grades, faziam um gesto que ele já utilizava na época, quando fechava e abria os cinco dedos das mãos, e falou ao vivo que o bordão dele era um sucesso, pois todos estavam "fazendo glu-glu", mas o diretor não se conteve e disse: "imbecil, eles estão querendo dizer que as celas estão cheias".

Mas ele era realmente um fenômeno, e gravou a música "Vem fazer Glu-glu" que vendeu mais de um milhão de cópias, em 1982.

Ele mesmo debocha do próprio desempenho, quando diz que fez todo o seu sucesso utilizando apenas três palavras: "rá", "glu-glu" e "ié-ié".

E por falar em sucesso, não podemos deixar de men-

cionar "A Porta dos Desesperados", atração de seu programa "A Hora do Capeta", em que colocava crianças para tentarem ganhar os prêmios que estavam atrás de uma das portas, mas atrás das outras havia atores vestidos de monstros, e é claro que o público adorava quando as crianças escolhiam os monstros.

Trabalhou na TV Manchete, na Globo, na Gazeta, na Rede TV e na CNT, sempre alavancando sucesso em qualquer horário para o qual fosse destacado.

Durante quase 10 anos participou como jurado do Show de Calouros, no SBT, quando foi premiado com cinco Troféus Imprensa, e atualmente desempenha o mesmo papel no Programa do Ratinho.

Ele sempre reclama que ninguém o leva a sério, mas a culpa é dele, porque ficou muito famoso com as suas "Pegadinhas do Mallandro", onde zoava todo mundo. Teve um episódio em que estava andando de moto no Rio de Janeiro, quando foi abordado por um ladrão, que lhe apontou uma arma na cabeça, mas logo o reconheceu e falou que era seu fã. E perguntou: "essa moto é sua"? E Sérgio respondeu que não. "Se fosse sua, eu não ia levar, mas já que não é, vou levar".

Em outra ocasião, estava passando mal, quando as pessoas pensaram que estava brincando e riam dele: "pegadinha do Mallandro", eles diziam, enquanto o outro se contorcia de dor.

Não resta dúvida que Sérgio Mallandro é uma verdadeira piada.



As Casas de Fliperama e seus muitos tipos

— De volta aos anos 80 e 90 —

Sammis Reachers

Saudade doída, curtida no álcool feito pimenta no pote, e no formol até, é a saudade de fliperama. Pra quem viveu a vibe arcadiana, a lembrança de um fliperama consegue trazer quase a época toda no bojo ou gabinete. A época que digo são os anos oitenta e noventa, ou ainda mais especificamente o meinho, a meiota, de meados de uma década até meados da outra.

E fliperama, você sabe, tinha de todo feitio. E aqui não falo da cabine de madeirite com tela de tubo, mas do ambiente onde eles eram alocados, do bar à casa de dedicação exclusiva. Cada um com seu charme e sua feiura, sua carga de alegria ou perniciosidade.

Vamos exercitar a memória. Vou rememorar alguns tipos de fliperamas que vivi, e espero que você, que viveu a época, possa se reconhecer e reconhecer

alguns deles, se não todos. E, a você que não viveu, que possa aprender e se divertir com a variedade dos tais.

O melhor fliperama era o Fliperama Capital: aquele que unia proximidade, quantidade e qualidade de máquinas e frequência considerável de jogadores. Geralmente, esse era aquele fliperama fiel, em que você ia com mais frequência, ou deixava para os fins de semana e outras datas episódicas. Era a casa de diversões por natureza, por apresentar uma boa quantidade (6, 8, 12?) de máquinas, permitindo a variação – ainda que você no final fosse ali por uma ou duas máquinas, apenas. Normal. Ah, importante: Ele apresentava um ambiente geralmente neutro, sadio (na medida do possível), ou, para uma expressão mais atual, não-tóxico.

Falando em casa de diversões, vamos logo para eles, os fliperamas de Shopping. Sim, esses fliperamas de shopping atuais, onde todos os jogos são mecanicamente interativos, ou seja, unem eletrônica com mecânica e cibernética (mecatrônica), a sementinha do mal já estava lá, nos primeiros deles

nos anos 90. Bonitos, caros, grandes, caros, nem sempre cheios, CAROS. Sim, caro definia e define o fliperama de shopping. Mas era legal, tinham máquinas que você não encontrava em outro lugar.

Me lembro de uma do Exterminador do Futuro (Terminator) cujos controles eram duas metracas UZI, e cada uma tinha o nome de um personagem. Um deles era Sammy, um atrativo a mais para este coroa que vos escreve. Outra coisa interessante é que o fliperama de shopping permitia a você ver jogadores "haoles" (termo havaiano para designar surfista não-local, estrangeiro e até "trouxa"), de fora do universo flipermaníaco – pais com seus filhos pequenos, meninas curiosas ou acompanhando o namoradinho, e outros mais que nunca entrariam num fliperama "de rua".

Sabe aquele personagem inescapável de todo fliperama (sim, de todos os que citei ou vou citar), o cara duro, viciado, geralmente bom jogador, e que ficava à toa o dia inteiro no fliperama, só à espera de uma chance de "salvar" alguém, garantir a ficha de um jogador inábil ("pegar uma aba", como dizíamos

por aqui)? Os fliperamas de shopping eram paraísos, oásis, haréns para esses caras. Eí, se você foi um desses, não se ofenda! Tive bons amigos no ofício, e já fui salvo mais vezes do que gostaria de admitir... E, confessemos: ver um desses viciados pegar uma ficha já "perdida", com seu personagem já "na alma", só com um risquinho de life, e fazer uma arruaça, virando a mesa para o nosso lado (sim, agora somos uma equipe) era dos espetáculos que faziam a ida a um fliperama valer a pena, quase tanto quanto simplesmente poder jogar.

Mas voltemos para a rua, lá aconteciam as coisas.

Outro tipo de fliperama podemos chamar de Monaural ou Binaural (feito aquele CD do Pearl Jam). É aquele um, solitário, ou aqueles dois flíper colocados no barzinho da esquina, na porta da locadora, até no barbeiro.

Um quebra-galho para uma hora de necessidade, uma tábua de salvação para um lugar desprovido. Lanterna dos afogados!

O fliperama talvez mais agradável de nossa lista era o "Secret Point" (opa, mais um termo do mundo do

surfe).

Aquele fliperama com três, quatro, cinco cabines, bons jogos e o melhor – ZERO crowd, zero população. Era chegar e, na maior parte das vezes, as máquinas estarem vazias, te esperando, quase convidando como uma princesa chama por um Don Juan. Aqui tínhamos o Bar do Djalma, um bar "escondido" numa rua sem saída, acessível, para piorar, por uma pequena ponte que só comportava bicicletas ou motos. Para melhorar, dentro de uma das três cabines havia um Neo Geo, e os jogos eram constantemente trocados.

Conheci quase toda a carteira de jogos do console assim, no aconchego. Lugar de paz e alegria, saudade forte!

Dentre os fliperamas de rua, de considerável tamanho, podemos elencar um (sub)gênero que podemos chamar de Cave, ou Caverna mesmo. Era aquele fliperama escuro, sombrio, com ares de anos 70 ainda. Talvez tivesse até uma – ou várias – máquina de pinball por lá. Não ficavam muito cheios, atraíam roqueiros, alguns adultos ou adolescentes

finais, e o cigarro era um mal onipresente. Cenário de filme noir!

Mas o pior dos lugares era o que hoje podemos chamar, num termo que não se usava na época aqui no RJ, de Quebrada.

Esse podia estar situado no centro da cidade – geralmente numa das ruas mais sujas (física e/ou metafisicamente), onde fazia vizinhança com casas de baixo meretrício, biroscas e cabeças-de-porco (pesquise, meu jovem). Podiam estar também no interior ou sopé de favelas. Essa casa de diversões sortidas reunia uma galera pesadérrima – pívetes e pívetões, batedores de carteira, viciados em tóxicos (cigarro na época era vento), e até gangues. Entrar num lugar desses, sem ser um de seus habitués, era atividade temerária.

Aqui tínhamos um no centro da cidade de Niterói, na rua São João (sim, que reunia casas de prostituição, biroscas, pontos de jogo do bicho, bancas de camelô, moradores em situação de rua e duas igrejas neopentecostais, para promover o equilíbrio na força e salvação para aqueles que acordassem daquele tor-

por). Lugar pesado, uma mão no joystick e outra na carteira. Sombrolhos enfezados, desconfiança, moleque olhando moleque de cima a baixo, gírias ainda mais restritas circulando entre os locais. Uma memória pitoresca: morando em São Gonçalo, uma vez por mês ia ao centro de Niterói, cidade vizinha, comprar quadrinhos nas bancas de gibí usado. Geralmente ia acompanhado de meu amigo Ronaldo. Era ou vínhamos de uma fase ruim e, crias da periferia, nós dois poderíamos ser colocados no time dos brígões, ou ao menos gostávamos de nos acreditar assim. Quando entrávamos em tal espelunca, eu, mais centrado, avisava ao amigo: "Ronaldo, já sabe. Aqui só tem pívete, e esses caras todos se conhecem. Se começar uma briga aqui, não dá pra gente não. Então é o seguinte: caso algum malandro meta a mão no seu bolso enquanto estiver jogando, ou tente pegar nossa bolsa (estava cheia de nosso tesouro, gibis Marvel/DC!), você prancha logo a cara dele e a gente corre pro terminal rodoviário (que ficava próximo). E eu faço o mesmo. Bota logo um a zero e vaza!" Acredite, era nesse espírito mar-

cial, misto de burrice, presunção e coragem, que ali entrávamos. Sim, amigos, hoje é engraçado, mas era loucura – e risco de vida – total!

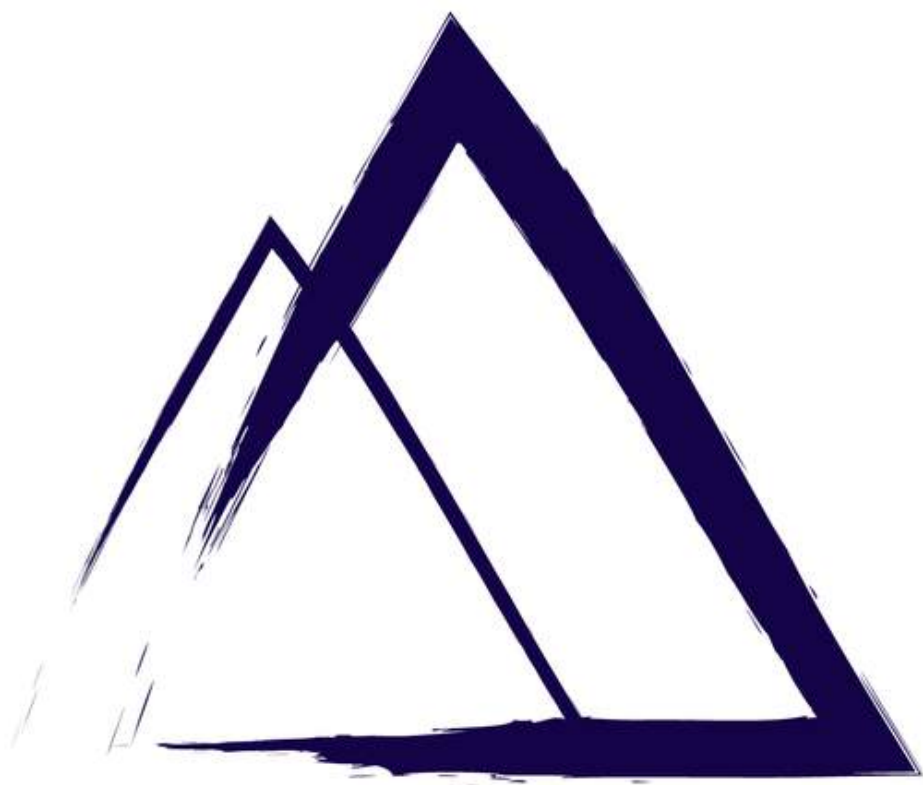
Pulemos para outro tipo, um todo especial: O fliperama "Cápsula do Tempo". Aquele lugar onde a máquina ou as máquinas só e sempre tinham jogos antigos, atrasados em relação ao entorno, ao momento. Um exemplo raso: Em tempos de Street Fighter 2 e Samurai Aces nos arcades, você chegava lá no bar do tiozinho e se deparava com PacMan e um Galaga. E quando, um ano depois, os jogos finalmente eram trocados, eram substituídos por mais games do tempo do ronca. E você pensava, decepcionado: "Mas quem administra essa bagaça??!!!". Tais lugares ou jogos, okay, tinham seu ar cult, e atraíam talvez não apenas coroas e jogadores desavisados, mas também galera fiel e informada, que curtia de boas um jogo véio.

Por fim, o derradeiro: os fliperamas foram feridos de morte pelos consoles caseiros que, tornados poderosos e acessíveis o suficiente a partir do PlayStation 1, trouxeram os melhores jogos dos arcades –

e muitos outros – direto para o sofá. Mas esse caminho foi precedido pelo surgimento das LAN Houses, ali pela meiuca dos anos 90. As lan houses, que começaram ofertando PCs para acesso à internet (alô Orkut, alô MSN) e jogatina, logo passaram a oferecer os tais novos consoles. E nessa onda a lan house virou um maremoto, fazendo as casas de consoles pulularem em cada esquina e garagem desse continente brasileiro.

Nesse ínterim, surgiu um movimento herético, típico do capitalismo, esse despudorado: alguns empreendedores passaram a unir, num mesmo espaço, consoles onde antes só havia cabines de fliperama, ou cabines de fliperama onde só havia consoles. E alguns ainda reacrescentaram os PCs e até mesas de sinuca e totó. A essa mixagem podemos chamar de Pot-pourri ou fliperama tipo Medley. Ou Salseiro, ou somente Casa de Jogos, aqui na acepção máxima, em maiúsculas.

Mas, e você, meu amigo? Se viveu a época, recorda de algum outro tipo de flíper que deveria aqui figurar? Conta pra gente!



INTERNÚCLEO
CONSERVADORA E ADMINISTRADORA
(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

ONDE ESTÁ O SEU CORAÇÃO?

Rosemare Rocha

Desta vez, não é um "causo". Causos são recordações, na maioria válidos, legítimos, embora alguns "causos" revelem muito do eventual contador. Já explico. Talvez um prazer mórbido em contar desgraças, acidentes e mal-sucedidos de terceiros. Neste caso, o contador é o único a ter prazer em ver os rostos atônitos e as expressões de lamentações sobre o ocorrido, exagerado, dramatizado, fictício ou não. E as reflexões? Às vezes, falamos de coisas conversadas com a gente mesmo. Sobram dessas últimas, conclusões sábias ou estúpidas. Delas sobrevivem os causos populares. O valor deles? Pensar sobre determinado assunto ou assuntos.

Voilà um desses assuntos!

O que é afetividade? Por que gostamos de certas pessoas mais do que de outras? Ou de todas as outras? Qual o preço da afetividade? Pode ser obtida, comprada, partindo do pressuposto de que

seja apetecível, útil, sadia? No meu modo de ver, não deveria ter preço. Pois quem vende prazer são parques, shoppings, bares, danceterias, esportes, prostíbulos e até religiões (e não estou acusando nenhuma religião ou religioso. Entendam bem!). O ponto é que pessoas "normais" correm atrás de coisas cujo retorno seja, em troca, uma ligação afetiva. Alguém torce para um time cujos cartolas, atletas e a maioria dos torcedores jamais conhecerão, vivo ou morto. Esse pertencimento, essa ligação afetiva imaginária tem um preço compulsório, pago acriticamente durante toda uma vida.

Mas pensemos ou reflitamos mais elevadamente. Uma afetividade mais real, não imaginária, para a qual não se paga. Imagine duas pessoas que compartilham momentos, divertimentos mútuos, alegria, choro, dificuldades e sucessos. Seus caminhos apontam para um local distante e diariamente reforçado e perseguido. Uma estrada calçada o tempo todo, e a cada dia, de momentos simultâneos. Você conhece alguém assim? É uma

das pessoas que tem essa experiência inexplicável com outra, que tenha convívio com ela, que com ela vivencia instantes de felicidade mútua, manhãs de sol, noites de chuva, na sala comendo pipocas, assistindo um filme, brincando com as crianças, empinando pipa ou papagaio, em um campo de futebol, na igreja ou em alguma agremiação que reúna pessoas conhecidas, cumprindo uma mesma agenda, ano após ano, e após anos?

Pessoas mudam, as circunstâncias mudam, a distância muda. Cabelos e pele, a proporção entre lembranças e sonhos se inverte. Algumas relações deixam de ser próximas e passam a ser esporádicas ou simples lembranças de um passado agradecido... Ia me referir à afetividade que acaba e àquelas pessoas que, se pudessem, negariam o passado, recordando todos os eventos indesejáveis, mas atinarei apenas sobre o lado bem-sucedido da chamada afetividade. Essas últimas permanecem até cada lâmpada se apagar, até que a última se apague. Mas se há um reles registro, um "causo" a ser contado, a próxima geração, ou as próximas,

talvez se beneficie do seu bom e bem-sucedido exemplo.

Você paga por alguma afetividade? Talvez nem saiba que tenha feito isso durante toda a vida. É a camisa do time, é o nome da religião. São as sucessivas e quase compulsórias derrotas no jogo de cartas com os amigos. São muitas as formas de pagarmos para tê-la. A ética de grupo nos obriga a pensar e concordar com os erros mais escabrosos de um grupo, só para não sermos chutados para fora dele. Os exemplos prováveis são tantos que nem conheço todos para listá-los aqui. Vendemos a alma todos os dias, para sermos acolhidos. Às vezes, não há mal algum, mas, em outras, há uma perversidade escondida. Jesus disse: que vantagem temos em gostar de quem gosta de nós? As piores pessoas se amam igualmente. Tá, esse verso não é muito querido. Pulemos para outros mais agradáveis.

Há um afeto pelo qual nunca pagamos e nem pagaremos. Porque desconfiamos, muitos de nós, de que ele seja real. Não fazemos nada para obtê-

lo, nem poderíamos. Não podemos fazer algo para tê-lo, nem para aumentá-lo. Aspiramos pelo amor de alguém, sexual, afetivo, legítimo, e não há nada de errado nisso. Pessoas "normais" não pretendem ficar irremediavelmente sozinhas. Mas mesmo as pessoas normais rejeitam um tipo de afetividade mais real e correm atrás do vento. Ter marido, esposa, filhos, netos, cachorros, gatos, é legítimo e louvável, e terá inevitavelmente um fim. Jesus disse que se um homem tiver esposa, filhos, riquezas, viver muitos anos, "um aborto será mais feliz do que ele". Lembrando que "aborto" no texto original não é o aborto das "ativistas feminazes" da atualidade. Não é ilegítimo ter tudo, riquezas, um milhão de amigos, etc. Contudo, e isso não é proselitismo religioso ou teológico, há alguém que nos ama e oferece uma relação afetiva real que transcende a tudo: Deus! Na pessoa de Jesus Cristo.

Todos os dias, acordamos e vemos a luz do sol. O ar que respiramos vinte e quatro horas, o coração que bate e a "chamada da natureza" que cumpre o seu ininterrupto papel, fazendo o que deve ser feito en-

quanto reclamamos do calor, do frio, da chuva e da seca; e são todos sinais de que alguém tem uma relação de carinho conosco, com cada um de nós, mais de oito bilhões de pessoas em toda a Terra, cada um com a cabeça em alguma coisa absolutamente estúpida, mas ainda sendo alvo do amor divino.

Quando reconhecemos isso e conseguimos explicitar a mesma coisa para outra pessoa, a verdadeira e única afetividade se derrama sobre todos nós. Essa afetividade não tem preço, nenhum de nós paga por ela. Essa afetividade é a prioridade máxima. Todas as outras coisas devem e virão após ela. "Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus". Paremos de correr atrás do vento. Gastar dinheiro com o que não é pão. Pensar nas coisas do alto. Constituir relações afetivas que sobrevivam às coisas da Terra.

É dar e receber, especialmente quando recebemos infinitamente mais do que podemos, e poderemos, dar.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



O velho e a praia

Jorge F. Isah



ParTe XV

O ganido estridente, de dor assombrada, aterradora, penetrante e precária. O despertar da noite entre a garoa e os pingos da calha, entre o barulho dos motores, as sirenes ao longe, o correr dos portões, travas e as vozes entre apelos e sussurros se dispersavam depois da intensa congestão de sons, o apelo definitivo e manco das máquinas, pessoas e animais, no convívio indócil e tosco onde os seres inanimados e orgânicos se misturavam sem saber ao certo o seu lugar, aonde ir; e apenas se misturavam, aos tropeços, na madrugada indiferente e pegajosa, e os suspiros se perdiam entre gritos, fissuras e espasmos d'alma... o cainho seco e agudo, uma, duas, três, quatro... Virou-se na cama, e o travesseiro novo era uma pedra que não amolecia o sono, amartelava porfioso o espírito e qualquer possibilidade de descanso... Não havia consenso entre o cão e os cuidadores, a paz fora desfeita em penas, apreensão e ojeriza... O ganido sucessivo, altercado, estrídulo... Virou-se novamente, como rolar a cabeça na bigorna

enquanto o malho a perseguia; os tinidos pertenciam-lhe, não era de mais ninguém além dele mesmo, as túrbidas camadas de espuma e algodão a censurar implacável o sossego que não tinha e não considerava justo dar-lhe, nada mais a merecer além das cascas rijas a prenderem-se à pele e a vermelhidão espalhar-se nos poros e tecido... lamento caloso à espera de socorro, sem saber o que esperar, tão somente à cata da mão próxima mas infeliz, a voz subsidiária mas de bravata, a iminência rechaçada do perigo... Quantos golpes podem esgotar a saúde? E amarelo no azul do verde?... Não havia o eco solitário, a preguiça insolente, o vento nos coqueiros, a calmaria das palmas, a zombaria taciturna dos símiles, os baixos distorcidos, vidraças ribombantes, o trepidar de paredes e o rangido da madeira, aspectos ocultos na letargia das sombras, no mimetismo escorregadio das casas, vielas e arcabouços, a fleuma escura no encalço da alva, enquanto o ulular volta: caim, caim, caim... repete-se, igual a tiros de automática, as vozes elevam, e não há jeito que dê conta... talvez a misericórdia da

bala... Quem a dará?... A vizinha tem o revólver, se, igual a tiros de automática, as vozes elevam, e não há jeito que dê conta... talvez a misericórdia da bala... Quem a dará?... A vizinha tem o revólver, mas quase ninguém sabe. Às vezes, quando briga com a mãe, ameaça pegá-lo, a maioria considera a coisa uma alegoria, a raiva espremida numa metáfora, mas Antenor sabia da arma. Ela mostrou sem querer, quando esperava o filho chegar do trabalho, e ele o viu na cintura, no portão da casa, o contorno do tambor e do cabo debaixo da malha, e, no dia seguinte, perguntou:

— Por que você estava armada, ontem?

Ela não pareceu receosa ou pasma. Agiu ao natural.

— A gente nunca sabe quando o perigo chega. É melhor prevenir do que remediar, não é! — e completou: — Por favor, não comenta com ninguém. É uma surpresa, para o caso de precisar.

Antenor achou engraçado o jeito da mulher, mas não riu. Garantiu o silêncio. Não ia contar nem para Lurdinha, assegurou.

— Tem algo preocupando?

— Não, só segurança mesmo. Hoje em dia, todo

cuidado é pouco. O mundo está louco, mas nem o louco mais louco segura uma bala. – Disse quase brincando, mas corrigiu a tempo – Já passei por poucas e boas, mas o desgraçado que se meter comigo novamente, estouro as fuças dele!

Lá fora, a garoa caía, entre as luzes dos postes a névoa se espalhava, e a leve brisa momentânea não foi suficiente para alterar o quadro. Tentavam um acordo com o animal. Simplesmente, não entendia. Não se dispôs a aceitá-lo. O próprio dono, se é que ele teve algum, não conseguiu sucesso. Bastava alguém tocá-lo ou aproximar-se, que os ganidos e resmungos davam conta do quanto estava disposto a não compartilhar o seu flagelo. Alguém disse que foi um acidente. De onde estava, Antenor não ouviu nada além da palavra acidente, e os rascunhos do plano para tirá-lo do lugar.

– Ele está pulando... não deve ser nada grave... apenas está assustado e com medo. – Alguém disse.

– Sim! Se tivesse ruim, não reagia dessa maneira... só a pata parece estar machucada – A mulher

com um guarda-sol, que fazia as vezes de guarda-chuva, apontou o chão.

— É, sim. Só a pata...

A conversa se deu em burburinhos, já passava da meia-noite, e não queriam incomodar os vizinhos, pensou. Estavam discretos ou constrangidos pelo escândalo do cão, e não queriam chamar a atenção, concluiu. O chuvisco intensificou-se, e decidiu entrar. Fechou a porta e uma dor no pescoço dizia o quanto o novo travesseiro estava longe de aquietar o sono. Ouvia dizer: "É agora". E os uivos do animal se tornaram mais oxítonos e pungentes. Dessa vez, o levavam na marra, deduziu.

A luz do poste piscou. De novo. Outra vez. No ritmo dos lamentos. Antes que cessassem, ela parou. A destacar em todos os ângulos o vazio do lugar, abandonado, e não se ouviam mais as queixas de homens, mulheres e cão; apenas o latido recluso e monótono do incorrigível solitário.

Antenor foi afofar o travesseiro, enquanto Lurdinha ressoava; o antigo disfarce para as armadilhas de um velho.



KÁLAMOS

www.kalamoseditora.com.br

MAX PERKINS : O GÊNIO DE GÊNIOS

Jorge F. Isah



Indicado pelo amigo Felipe Sabino, esta biografia trata do, talvez, maior editor americano de todos os tempos. Evidente que é impossível mensurar quem foi o maior ou não, mas certamente pelo volume de autores descobertos e publicados, gente da estirpe de Fitzgerald, Hemingway e Wolfe, para citar o triunvirato dos maiores e mais relevantes escritores dos seus tempos, e ainda o são mundo afora, nos dá a real dimensão do trabalho engenhoso a que Maxwell Perkins se devotou em quase cinco décadas de ofício, chegando ao cargo de Vice-presidente da Charles Scribner's Sons, a mais conceituada e importante editora americana na primeira metade do século passado.

Lendário caçador e burilador de talentos, Max, como era chamado, entendia o seu trabalho não como uma simples profissão, mas um ministério, ao qual se entregou de corpo, alma e espírito, e foi um dos mais relevantes, senão o maior, para os novos rumos que a literatura tomou a partir de suas descobertas e inspiração para autores e seus textos.

Antes de entrarmos na pessoa de Max, devo acentuar algo: o trabalho metódico de pesquisa, condensação e o mergulho às profundezas de Perkins e seus pupilos geniais. A. Scott Berg transpõe em palavras as emoções, frustrações, lealdade e desvelo do editor com a literatura e seus criadores. É um livro delicioso de ler, e ele consegue transportar à simplicidade as complexas relações entre os vários protagonistas e inúmeros figurantes. É quase impossível abandoná-lo. À medida que Berg tecia a sua rede, é irremediável tornar-se presa, já no início da construção. Por muitas vezes, vi-me descuidar de outros afazeres para devotar, e devorar, mais algumas páginas e tempo na companhia de tão ilustres personalidades. Scott

Berg construiu, com talento e sensibilidade, o gênio e seus gênios, sendo ele também, sem exagero, um deles.

Por fim, a biografia serviu de base para uma versão cinematográfica de 2016: "O Mestre dos Gênios"(ainda não assisti, e o farei em breve; talvez até poste a resenha aqui), com Jude Law, Colin Firth, Guy Pearce e Nicole Kidman. E, se praticamente todas as versões cinéfilas de livros nunca conseguem sequer igualar a obra original, não espero algo de proporções similares quanto ao resultado, mesmo sabendo que são formas de comunicação e arte distintas. Desejo, contudo, que a produção e direção consigam agarrar o "espírito" do livro e transpô-lo para a tela. Já seria um grande feito.

William Maxwell Evarts Perkins, nasceu em 1884, em Nova York, filho de Elizabeth Evarts (filha de William M. Evarts, proeminente jurista, procurador e político) e de Edwards Clifford Perkins, advogado. Viveu a maior parte da infância em Plainfiel, New Jersey. Formou-se em economia na

na prestigiada Harvard University, em 1907; e, quando se decidiu pela carreira de editor, foi auxiliado pelo professor de literatura Charles Copeland que se tornaria um grande amigo. Nesse período, trabalhou no New York Times como repórter (1907 a 1910).

Sem muitas expectativas com a carreira jornalística, mas com alguma influência nos círculos literários da Big Apple, é contratado para o departamento de publicidade da Charles Scribner's Sons, editora considerada "conservadora" e que detinha títulos de autores como Henry James, Sherwood Anderson, Rudyard Kipling, Robert Louis Stevenson, John Galsworthy e Edith Wharton, entre outros nomes considerados ultrapassados pelo mainstream da época. Muitos dos autores emergentes, durante o pós-Primeira Grande Guerra, jamais seriam publicados se não fosse o trabalho investigativo e "depurador" de Perkins, uma vez que o conselho diretivo da Scribner's não somente era reticente, mas se opunha aos novos rumos em que a linguagem lite-

rária se aventurava, mantendo-se firme na disposição de investir nos clássicos. Com leitores fiéis, não estava disposta a romper a sua tradição editorial e investir em livros experimentais: novas estruturas, conceitos e estéticas.

Em pouco tempo, foi promovido para uma espécie de "auxiliar de edição", onde ajudava na leitura e avaliação de textos originais e inéditos. Nessa época, chegou-lhe às mãos um livro intitulado "The Romantic Egotist", de um jovem desconhecido, F. Scott Fitzgerald. Enquanto os colegas recusaram o livro, com a alegação de não estar de acordo com a linha editorial, Perkins levou-o de uma sentada e ficou maravilhado; então, rapidamente, escreveu ao autor sugerindo algumas modificações a fim de convencer o velho "Charles" a publicá-lo. Scott empenhou-se em reescrevê-lo, e alguns meses, entregou-o a Max com todas as alterações propostas. Após um embate interno, Max persuadiu o "chefão", e recebeu o aval para publicá-lo.

Em 1920, é lançado "Este lado do Paraíso", e o livro

se tornou um sucesso de crítica e público, lançando quase instantaneamente Fitzgerald ao estrelado, confirmando o acerto de Max e seu "feeling" editorial.

Apesar da resistência de parte da equipe, Perkins começava a ganhar admiração e chamar a atenção. Foi ele quem lançou todos os livros de Scott, a quem tinha por amigo, a quem aconselhou e orientou, não somente em relação ao aspecto profissional, mas também financeiro e emocional. A relação do autor com a esposa, Zelda, era conturbada, e Scott se submetia a despesas enormes, um padrão de vida ostentador, noites e mais noites envolvidas no "glamour" a que Zelda impunha o casal. Com isso, Fitzgerald teve, por muitas vezes, que escrever literatura de segunda, terceira linha (Hemingway, de quem também era amigo, acusou-o várias vezes de prostituição, e de desperdiçar um talento inestimável em troca de dinheiro para munir os caprichos de Zelda), roteiros para Hollywood (Max considerava essa opção um verdadeiro desastre na carreira do pupi-

lo), e palestras que odiava. Ao mesmo tempo em que Scott era um escritor talentosíssimo, tinha as suas fragilidades: o vício do alcoolismo, ostentação social e a indigência financeira, arrastando-o para um final onde a degradação artística, por fim, fez claudicar e aniquilar a pessoa.

Berg ressaltou:

"Anos depois, em Paris é uma festa, Hemingway resumiu a carreira de Fitzgerald com a imagem que primeiro chamou sua atenção quando lia 'O Último Magnata': 'Seu talento era natural como desenho feito pela poeira nas asas de uma borboleta. A certa altura sua compreensão dele não era maior do que a que tinha a borboleta e ele não sabia distinguir se estava comprometido. Mais tarde, tornou-se consciente de suas asas danificadas e da estrutura delas e aprendeu a pensar e não pôde mais voar porque perdera o amor pelo voo e só constituía se lembrar de quando ele não exigia esforço'".

Após a publicação de "O Grande Gatsby", Perkins recebeu de Fitzgerald, a indicação de outro autor:

Ernest Hemingway. Scott e Ernest se conheceram em Paris, na casa de Gertrude Stein, local onde o círculo de escritores se encontrava para, em primeiro lugar, abastecer o ego de Stein, insaciável, e orgias regadas a álcool e drogas sem freios e fim (muito foi descrito em "Paris é uma festa"). Hemingway era o oposto de Fitzgerald, o tipo de "macho alfa", seguro e audacioso.

Novamente, Max teve de suar gotas de sangue para a Scribner's publicar "O Sol Também se Levanta", em 1926. O livro era considerado excessivamente obsceno, ao ver da direção, e não satisfazia as exigências editoriais. Depois de inúmeras reuniões e o jeito diplomático, mas convincente de Max, o romance veio à lume. Novo sucesso de crítica e público. E, até a sua morte, Perkins seria o editor de Hemingway.

Certa vez, depois de insistir muito com Max (havia anos que não tirava férias), Hemingway levou-o para pescar em Key West, Flórida, no Golfo do México, e contou-lhe muitas das aventuras no mar, histórias sobre pescadores, touradas e caçadas,

algumas das quais ele mesmo estava envolvido. Perkins ouviu-as e percebeu material suficiente para "Hem" escrever um livro até então inédito: algo sobre a pesca e o mar. Fez sugestões, considerações e incitou "Hem" a planejá-lo. Durante anos, o autor esquivou-se de fazê-lo, mas em 1951 publicou "O Velho e o Mar", dedicando-o ao velho amigo, que havia falecido em 1947.

Em 1928, chega às suas mãos um calhamaço de páginas amarradas por barbantes, de um tal Thomas Wolfe, jovem escritor da Carolina do Norte. Havia sido recusado por todas as editoras em que enviou a sua obra, "O Lost: A Story of the Buried Life". Tinha cerca de 1.100 páginas e entre 300.000 e 350.000 palavras. Era um excesso para um escritor iniciante, e fora dos padrões de edição da época. Max levou-o, considerou a ideia genial, mas era uma obra caótica e carecia de ajustes: um corte de 100.000 a 150.000 palavras e a reestruturação da história. Ele as sugeriu a Tom que, mesmo não gostando da ideia, concordou e trabalhou com o editor na nova formatação.

Marcia Davenport descreveu:

"Tudo que Max faz visa o efeito integral do livro (...) Ele acredita nos nossos personagens, que se tornam reais para ele (...) Mas pode pegar algo caótico, nos dar um andaime para construirmos uma casa em cima dele (...) Sua tarefa é grande, longa, cheia de agonia e confusão". Berg acrescentou: "Como tantos de seus autores, ela (Marta) descobriu ao voltar ao trabalho que os comentários de Max eram eficazes de uma forma quase subliminar; que ele tinha um jeito de atirar observações com delicadeza como se atirasse seixos em um lago, criando anéis de significado que cresciam até tocar a consciência do autor"(pg. 572).

Lançado em 1929, "Look Homeward, Angel" foi estrondoso sucesso de crítica e público, e provavelmente pela ligação quase filial de Wolfe com Perkins: para Max, o filho que não teve (tinha cinco filhas), para Tom, o mentor e tutor único, a relação ia do céu ao inferno e vice-versa. A ligação entre eles é o centro da biografia de Berg e ocupa

a maior parte. É possível ver o relacionamento ultrapassar o caráter profissional e tornar-se pessoal, emocional, quase familiar, como já descrevi. Thomas participa da rotina dos Perkins como se fosse um membro; e, ao mesmo tempo em que ganhava o carinho da esposa e filhas do editor, também se metia em cenas deploráveis e cruéis, ao ponto de causar certos "tremores" na relação.

Muitos críticos e executivos da própria Scribner's acentuavam os méritos de Perkins nos livros de Wolfe, o que certamente deixou o autor enciumado e rancoroso. É comum, após as crises intempestivas, Tom se desculpar e buscar os conselhos do "papai". Max, apesar de não se envolver na vida dos pupilos, que também eram seus amigos, especificamente Scott, Ernest e Tom, servia como confidente e orientador. Tentava, sempre que possível, auxiliá-los em qualquer situação ou problema. Era generoso, amigo, confiável, leal e um pacificador, no sentido de nunca promover disputas e impor sua vontade, apesar de, quase sempre, convencê-los. Se Fitz-

gerald era frágil e maleável, Hemingway impetuoso e confiante, Wolfe ficava no meio do caminho, entre a vaidade, a insegurança e o melindre.

Sobre isso, Berg escreveu:

"Na raiz de toda a raiva de Wolfe estava a crença geral de que sem Perkins ele era impublicável – um escritor fracassado. O próprio Wolfe dera fôlego a essa noção, tornando públicos fatos que Perkins lutara para manter privados" (pg. 451).

Em carta, Max ponderou com Wolfe:

"A minha impressão, porém, é de que você pediu minha ajuda, de que a deseja(...) E também tenho a impressão de que as mudanças não lhe foram impostas (você não é muito propenso a aceitar imposições, Tom, nem eu, muito dado a fazê-las), mas, sim, discutidas, muitas vezes por horas"(...) Acredito que o escritor, de todo jeito, deva sempre ter a última palavra, e minha intenção sempre foi essa. Sempre adotei tal postura e às vezes cheguei a ver o prejuízo que isso teve sobre certos livros, mas, ao menos, em igual medida, o quanto também

foi útil. O livro pertence ao autor"(pg. 457).

Max lidava da melhor forma com temperamentos tão distintos, sempre gentil e econômico. Não era dado a exibições, rechaçava elogios, e escondia a timidez no silêncio; os livros eram o refúgio para afastar-se do mundo das pessoas, ao menos as reais.

A exceção foi a relação platônica com Elizabeth Lemmon. Durante a maior parte de sua vida, correspondeu-se com ela por meio de longas cartas, nas quais se abria de uma maneira singular. Ela era a sua confidente, a pessoa em quem mais confiava, e com quem, certamente, caso não tivesse casado com Louise Saunders, se uniria. Não houve qualquer relacionamento lascivo entre eles. Havia, sim, um envolvimento emocional, fraterno, que poderia se estender a outros aspectos, caso Max não fosse completamente leal à família. Algo verdadeiramente difícil, não impossível, nos dias atuais. Sobretudo, era um homem de caráter, princípios e, mesmo não havendo qualquer referência a algum relacionamento com Deus (algo

que a esposa, nos anos derradeiros do casamento, aceitou, ao converter-se ao catolicismo), Max tinha em seu temperamento e atitudes um espírito cristão.

A relação entre Maxwell e Beth foi dedicada, honrada e sincera, mas nada a permitir "avanços" ou aventuras extraconjugais. O fato de Louise se dar bem com a "rival", de se confraternizarem nos raros momentos em que a distância (os Perkins moravam em Connecticut, os Lemmon em Baltimore, distante 460 km) e a vida profissional exaustiva e compulsiva de Max permitiram.

Perkins mentoreou e obteve, para outros dos seus pupilos, grande sucesso, como Edmundo Wilson, Alan Paton, Erskine Caldwell, John P. Marquand, Marjorie Kinnan Rawlings, S.S. Van Dine, Ring Lardner, James Jones (autor de "A um Passo da Eternidade" e "Além da Linha Vermelha"), Marguerite Young, e a lista cresce...

A coletânea de cartas, publicada em 1950, "Editor to Author", descreve como foram os relacionamentos entre o gênio e seus gênios. Em

especial, Perkins foi não somente o pai às filhas que amava devotadamente, mas também aos outros que adotou, quase gerou, e, enquanto pôde, protegeu, orientou e entregou-os ao mundo.

FRASES

"A melhor sensação que existe é a de ir dormir cansado".

"Quanto mais é um homem, menos ele deseja".

"A verdadeira escrita faz-se na cabeça, onde as impressões estão armazenadas, e faz-se com o olho e o ouvido. A agonia vem depois, quando passamos para o papel, mas isso pode tornar-se fácil se, através da leitura, soubermos como os outros o fazem."

"A base genuína da amizade é ter um ou dois preconceitos em comum".

"A obrigação mais importante da amizade é ouvir".

"A verdade é que os melhores escritores não são

aqueles que, via de regra, fazem sucesso de imediato".

"Creio, na verdade, que a melhor escrita é aquela que vem muito depois dos acontecimentos com que se relaciona, numa altura em que já houve assimilação e reflexão, e o autor consegue finalmente entendê-los por inteiro. É bom jornalismo aquele que é feito rapidamente enquanto tudo é novidade, mas essa não é a melhor escrita."

"Mal posso crer, na verdade, mas prefiro fingir que é verdade".

"Minha sensação é de que o primeiro compromisso do editor é para com o talento. E se não vamos publicar um talento como este (F. Scott Fitzgerald), a coisa fica muito séria".

"A meu ver, a universidade é o lugar para o indivíduo se expandir, superar preconceitos, olhar para tudo através dos próprios olhos".

"Os homens medem o sucesso social pelo tipo de clube a que pertencem".

"Não existem duas moças iguais, como também

nenhuma moça é a mesma, exceto por pura coincidência, em duas ocasiões diferentes".

"Mesmo quando as pessoas estão totalmente erradas, não se pode senão respeitar os que falam com tal sinceridade passional".

"Estou tentando dizer a um escritor e à sua esposa como ele deveria escrever. Não é engraçado, já que é uma coisa que eu mesmo não sei fazer? Cheguei até a lhe dar para escrever uma história que inventei — e ele ficou encantado com ela. É um bocado difícil falar a noite toda de coisas sobre as quais você não entende nada".

"Quando o tumulto e a gritaria da turba de críticos e mexeriqueiros esmorecer, 'O Grande Gatsby' se destacará como um livro extraordinário".

"Seria uma lástima o próprio significado de um livro tão original ser desconsiderado devido aos uivos de um bando de tagarelas mesquinhos, puritanos e idiotas".

"Como esperar, me diga, que um homem entenda as mulheres?... Ou uma única mulher, que seja?"

"Tenho a ambição de pegar a estrada aos sessenta

anos. As chances são mais ou menos de uma em mil de que isso venha a acontecer".

"A forma como se ensina literatura e escrita na faculdade é prejudicial. Faz com que se adquira o hábito de ver tudo através de uma espécie de fotografia da literatura, em vez de captar o que está à volta através dos próprios sentidos. Diria que alguns anos num jornal, para alguém que ambicione ser escritor, é muito melhor do que alguns anos na faculdade".

Nota: A biografia de Max Perkins, escrita por A. Scott Berg, chama-se "Max Perkins: um editor de gênios", publicado pela editora Intrínseca.

"A Bula do Placebo"



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br



MEDO

No mundo inteiro, as pessoas estão com medo. Medo de uma nova guerra mundial. Medo de terremotos, de furacões e de tsunamis. Medo do terrorismo, do aumento dos preços, da falta de alimentos, da violência, da poluição. Medo do desemprego, de assaltos à mão armada, de uma nova pandemia, do descongelamento das geleiras e do aumento do volume dos oceanos. Medo da solidão.



As pessoas não sabem o que fazer com o pouco dinheiro que tem guardado: se deixam debaixo do colchão, com a inflação, que começa a ficar fora de controle, pode não valer nada no mês seguinte. Os governos podem confiscar o dinheiro, os bancos podem quebrar, os impostos sobre a propriedade podem aumentar loucamente, o dólar pode despencar e o ouro pode não valer mais nada.

Mas existe um medo ainda mais assombroso: o medo de ser enquadrado no "crime de opinião". Se você disser, apenas a título de exemplo, que não gosta de



cocada preta, poderá ser processado por racismo, fascismo, genocídio, misoginia, homofobia e desacato. Você deve estar questionando que os cinco primeiros "crimes" podem parecer absurdos, mas DESACATO? É porque, ao procurar se defender, isso poderá ser considerado uma afronta ao sistema vigente, e o insurgente há de ter as suas redes sociais canceladas, os salários confiscados, a conta bancária e os cartões de crédito bloqueados, o passaporte retido. Poderá, por fim, perder o emprego, o pátrio poder, a dignidade e a virgindade traseira, tornando-se um indigente que fica perambulando nas proximidades das rodoviárias, pedindo moedas para comprar crack. Por isso, as pessoas se calam, com medo.

Michel Salomão



coluna do

ClodoKill

Fernandes

Inimigo de Estado

O meu vizinho tem um cão, daqueles grandes, musculosos, ágeis e raivosos. Ao menor sinal de aproximação, e pode ser a um ou dois quarteirões de distância, ele corre para a grade de proteção, percorre-a de um lado ao outro, dando pulos, quase mortais, nas paredes laterais dos muros, a rosnar, latir e esbugalhar os olhos como muitos políticos e militantes fazem, algo instintivo e selvagem. Algumas vezes, depois de se mover tresloucadamente e ninguém passar de verdade pela calçada, ou quando esse alguém se demora muito, é possível vê-lo bufando, caçando ar (é ape-

nas figura de linguagem, tá?), prostrado no gramado irregular, sem o exibicionismo prematuro. Ele late por qualquer coisa, seja helicóptero, bicicleta, carro, pedestre, outros cães, mosquitos, até mesmo o vento sobre as roseiras da patroa o deixa inquieto e agressivo. Ele é o que a minha avó chamava de "cachorro louco", e se fosse no tempo dela, provavelmente já teria sido sacrificado. Mordeu os donos várias vezes, odeia crianças, outros espécimes, e também é possível notar o seu rabo careca, de arrancar os pelos quando não tem nada ou ninguém onde gastar a sua "energia". O bicho é o cão!

Se um dos moradores quer sair de casa, tem de seduzi-lo a entrar no canil com qualquer guloseima; se tem algo mais intenso nele além da fúria, é o apetite. Só assim, depois do portão automático interno fechar, pode-se ir ao carro, abrir o portão da garagem e sair. O animal fica enjaulado, não é bem uma jaula, mas um corredor de 8 x 2 m, até todos retornarem para casa, e somente então é solto novamente. Nessas horas, se é possível dizer,

o ambiente na vizinhança fica menos tenso e barulhento, já que o "Tigre", como é chamado, se acalma um pouco ao observar a rua. Mas só um pouquinho. Então, "preso", é um inferno: latidos intermitentes e contínuos, mandíbulas roendo paredes, madeira e, pasmem, metais e concreto. O tal corredor tem mais destruição do que Kharkiv ou prédio invadido pelo MTST. Alguns vizinhos mais debochados o apelidaram de Putim, Boulos, e há quem também o chame de Xandão.

Certo dia, depois do descuido da filha mais velha, enquanto ela regava a plantação doméstica de maconha e experimentava os efeitos da nova safra, e a mãe acredita até hoje ser quiabo, apesar de nunca ver uma única amostra, o Tigre fugiu, invadiu a casa do vizinho, estraçalhou o Pug que dormia plácida e inocentemente debaixo de uma samambaia; destruiu a cadeira de balanço do Vovô, que, por sorte, fora ao banheiro; arranhou a porta, mastigou dois vasos de plantas, escavou o quintal e remoeu tudo o que viu e alcançou.

O casal de velhinhos estava dentro de casa e, ao perceber a desordem, foi à janela, e a pobre senhora, dona Matilde, desmaiou quando viu o ataque devastador. O marido, seu Osvaldo, colocou-a com dificuldade no sofá, abanou, esfregou os pulsos, deu tapinhas nas bochechas e, depois dela se recuperar, pegou o telefone e ligou para o Corpo de Bombeiros, que indicou a Defesa Civil, que indicou a delegacia mais próxima, que indicou o SAMU, que indicou a Corregedoria, que indicou o Rotary, que indicou o Exército da Salvação, que indicou a Zoonose, mas, depois de ligar doze vezes e esperar mais de uma hora, teve todas as chamadas desligadas automaticamente. Pegou a bengala, mas ela não era páreo para o cão. Enquanto isso, outros vizinhos, do alto dos muros ou das janelas, filmavam tudo para a postagem nas redes sociais.

Nisto, o demônio do cão, ou o cão do demônio, ouviu o riso sibilante de dois garotinhos que observavam a cena na sacada do segundo andar. Ele espumava entre as mandíbulas, e correu feito louco na direção das risadas. Parecia em transe. Cego de ódio.

Músculos retesados. Bufando ensandecido. Olhos vidrados. Orelhas em pé. A carreira desembestada. Derradeira... Um carro freou, não o suficiente. O Tigre foi atropelado. Os gritinhos dos garotos foram ainda mais estridentes, e ecoaram por quarteirões.

O motorista abriu a porta, consternado, mas foi avisado a se manter no veículo, pois, quem conseguiu ver, de um ponto onde era possível aos privilegiados, que, mesmo moribundo, o Tigre, tal qual o T-800 em o Exterminador do Futuro, num último esforço, arrastava-se na direção dos impúberes. Não dava para duvidar que ainda era uma ameaça. Avançou pouca coisa, é verdade. Antes de ganhar alto, estremecer, cravar as garras no asfalto, e dar o suspiro fatal.

O motorista foi do céu ao inferno. Ovationado pelos vizinhos, era tratado como herói. Tornou-se popular na região. Recebia afagos, presentes, guloseimas e agrados dos moradores. A Associação do Bairro deferiu-lhe a medalha de honra e um relógio onde se grafou, no verso, "Mito". Mas isso não durou muito.

Tão logo as notícias ganharam repercussão, uma ONG de defesa dos animais acusou-o de assassinato premeditado em segundo grau, e o M.P. solicitou indiciamento, prisão preventiva e, agora, ele não podia mais comer os quitutes da dona Maria, nem tomar a cachacinha do seu Arnaldo, muito menos cuidar da esposa e dos filhos. Transferido para a Papuda, comia o marmitex de 10 reais que custava 90 aos cofres do país, e a diferença era compartilhada pelos agentes públicos, empresários e lobistas. Era mais um inimigo de Estado.

Perdeu a medalha, o título honorário, o relógio e, condenado a 17 anos de prisão, teria de pagar 100 milhões de multa.

Quando soube da sentença, em sua cela, já que não pôde ir ao Tribunal, pensou: "A casa de 50 m², o Gol 4 e a Worker 125 não farão sequer cosquinha".

Mas ia se preocupar com isso depois de cumprir a pena: faltavam exatos 16 anos, 11 meses e 12 dias.

PRONTO PARA VER O REI NU?

HELVÉCIO S. PEREIRA



Algo que guardei e que julgo importante, sobre os antigos gregos, é que eles, ou parte deles, a elite intelectual (a única e real elite, o resto é resto em qualquer sociedade) diziam que nós existimos para pensar. Não confundir esse pensar com raciocinar, julgar, eleger e preterir escolhas. Acabo de ver uma pequena borboleta de cor comum, aproveitar as térmicas e subir sete andares do prédio; eu a obser-

veí da janela do sexto andar. Nós só descobrimos as tais térmicas, às portas do século vinte, o século das maiores iluminações e das mais toscas trevas.

O cérebro ínfimo da borboletinha soube reconhecer os fluxos de ar mais quentes, aproveitá-los de forma a economizar os músculos de suas asas numa comparação, se fosse possível, a um simples homem nu abanando os braços, e sair da praia e subir quase em linha reta até o alto do pão de açúcar... É fato: todos os seres vivos "pensam", decidem o que fazer, acertam e erram a cada movimento na sua luta para sobreviver, mas não só isso, em desfrutar a dádiva da misteriosa vida.

E quanto a nós? A imensa maioria, tais quais os "animais" e todos os demais seres vivos, não concebem a ideia do Deus Criador. Só que esses "humanos", têm um cérebro enorme entulhado de sinapses, "aprendem" coisas, ouvem e repetem acriticamente histórias fabulosas, verdadeiras lorotas mascaradas de constatações acadêmicas, penduram diplomas nas paredes na suas casas e que apenas duvidam. Os primeiros vivem sorrindo e zombando da divindade como se pudessem, de escritórios, dão carteiradas em palestras e se jul-

gam mais corajosos que os seus "trogloditas" antepassados que fizeram o diabo para descobrir novas terras, ter mulheres e fazer muitos filhos, e mataram e morreram por coisas totalmente toscas.

Esse cara, numa sociedade moderna ocidental, fez sexo pela primeira vez com uma prima mais safadinha, toma cerveja de uma marca tida como a mais famosa, acredita nas ideias e teorias de filósofos deprimidos, amargos, que perderam certamente as suas almas blasfemando ou sendo ativos inimigos do cristianismo e de Deus. Fanzocas de Marx, o mais famoso, e haters de Deus. Com verniz de "humanos evoluídos", segundo a lorota que duas centenas de milhares de anos os fizeram realmente diferentes de seus antepassados "primitivos", peludos ou não, que mal construíam frases coerentes. Que só trepavam, cagavam e comiam tudo cru... Há quem tente amenizar com palavras mais pudicas os processos biológicos absolutamente essenciais e insubstituíveis como defecar e copular.

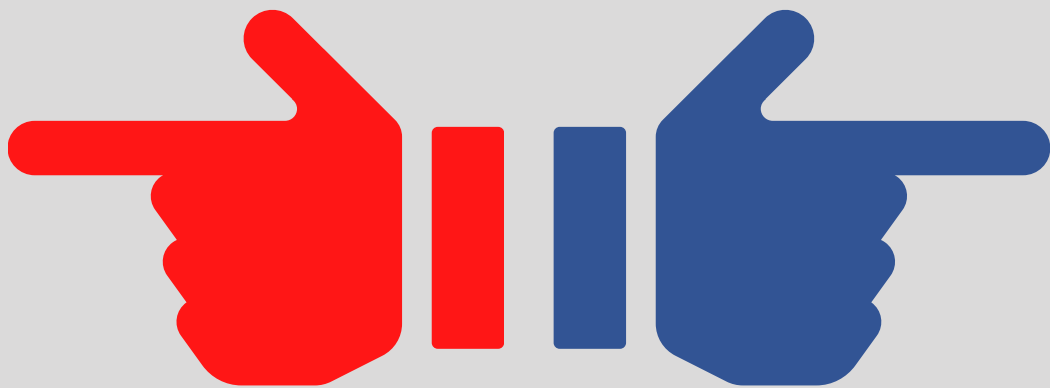
Entretanto, em toda a história, somente os idiotas são ou foram felizes. Até ateus: há os idiotas e os

alguma maneira, se manter minimamente vivos. Os segundos, certamente confundem Deus com alguma religião e religiosos. Que alguém lhes diga que são infantis nessa confusão.

Finalmente, um importante professor de literatura afirmou: quem escreve, pensa! Em toda a história da civilização, os povos que mais se beneficiaram da escrita são os que mais avançaram. Não é gratuito que os povos ágrafos estagnaram e mesmo com uma cultura proverbial transmitida oralmente, essa não foi capaz, como a ocorrida na transmissão escrita, ser mais suscetível a crítica, a controvérsia e a percepção crescente e abrangente.

Pedro Nava, talvez o maior cronista brasileiro, afirmara certa feita: "dizer (toda) a verdade é como andar nu". Mas cada um de nós precisa ver a sua própria nudez e quem sabe ver os outros nus. Ao escrever podemos nos ver mais nus, vermos os outros nus. Mesmo que o rei não se veja nu, devemos vê-lo nu. Precisamos encarar a realidade a nossa volta sem os véus que escondam de alguma maneira o que nos recusamos a ver. É fácil? É prazeroso? Não, não é. Mas seguramente deve ser melhor que perder a sua alma sem conceber que a tem.

ESQUERDA X DIREITA



Até bem pouco tempo, não havia no Brasil uma "direita" e, muito menos, uma "extrema-direita", mas apenas um povo pacato que só queria assistir as suas novelas na TV, torcer pelo seu time de futebol e brincar no carnaval.

Contudo, havia também os "esquerdistas", que eram fáceis de identificar, pois geralmente eram homens e usavam camisas com a foto do Che Guevara, tinham barbas e cabelos desgrenhados, mas, em número menor, havia as mulheres que não depilavam o axila. Em alguns casos, também possuíam barbas.

O socialismo já tentava tomar o poder desde os tempos de Getúlio Vargas, de Jânio e de João Goulart, sendo difícil acreditar que Brizola era de esquerda, além de ser o inimigo público número 1 de Lula.

Os militares chutaram o balde em 1964, iniciando o período da ditadura, que foi até 1986, e mesmo as crianças tinham medo quando as "Veraneios" passavam nas ruas, pois o seu pai, a sua mãe, um irmão mais velho ou algum outro parente, amigo ou um vizinho poderiam "desaparecer" misteriosamente, só por falarem que o Presidente era carrancudo.

Mas aí veio a "abertura", e os militares estavam doidos para voltarem para os quartéis, para ficarem brincando de dar tirinhos, fazendo "pow", "pow", "pow" com a boca, e acabaram passando a bola para os "democratas", que na verdade eram corruptos desesperados com a possibilidade de saquearem o país.

O primeiro Presidente pelo voto indireto deveria ter sido Tancredo, mas morreu dias antes da posse, e no seu lugar entrou o seu vice Sarney (que saiu da UDN e da ARENA, que seriam de direita, para o MDB, de esquerda), quando deveria ter sido Ulysses, que era o Presidente da Câmara, mas isso já é outra história. Em seguida veio Collor, FHC, FHC de novo e... Lula. E mais Lula. E depois Dilma. Aí lascou.

Foi um período dos maiores escândalos de corrupção da história mundial, mas o cenário foi abalado com a Operação Lava Jato, que prendeu uns figurões até então considerados intocáveis (mesmo deixando muitos outros de fora), e nessa onda o povo escolheu um desconhecido para comandar o país, o único candidato que prometia dar uma moralizada no galinheiro, mas equivocou-se totalmente ao tentar se aproximar dos militares, pois ele mesmo era um Capitão da Reserva, e imaginava que os Generais iriam submeter-se às suas ordens. Ledo engano.

Mas a bandidagem reagiu, com a ordem de acabar com tudo, e quem se lascou foi o povo, pois essa "esquerda" que nem era necessariamente socialista, no sentido clássico da palavra, tratou de cooptar o meio acadêmico e os artistas, que imediatamente aderiram, sob a promessa de sexo livre e drogas à vontade, e daí inventou a polarização, insuflando o povo a se odiar por questões como machismo x feminismo, pretos x os brancos, homossexuais x heterossexuais, jovens x velhos e ricos x pobres, divi-

díndo a população, enquanto os integrantes dessa nova elite ficavam numa boa, ocupando cargos eletivos ou ministeriais, isso sem contar as vantajosas participações em Conselhos das Estatais.

Manifestantes foram presos e condenados a penas desproporcionais, o povo se acovardou, os impostos aumentaram, os preços dos alimentos dispararam e o Brasil ganhou dezenas de posições no ranking dos países mais quebrados do mundo.

Aquele cidadão pacato que só queria assistir a sua novela, torcer pelo seu time de futebol e brincar no carnaval agora é chamado de extremista, enquanto o esquerdista, guardião das liberdades universais, passou a defender abertamente os bandidos.

Mas pouco importa se você é de direita ou de esquerda, mas não faz parte da cúpula do poder: ambos vão se lascar.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



A ESPECULAÇÃO ESCATOLOGICA E AS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS

Sammis Reachers

Escatologia é um terreno pantanoso, que pode fazer submergir soldados promissores em seu areal movediço. Ela, reles remador, é como a nau em que navega, a Teologia, que transforma predestinados soldados de campo (afinal, não há oficiais no Exército do Rei) em generais de dez estrelas que ficam atrás da mesa lendo as mil voltas do parafuso.

Sim, temos professores e mestres, há chamado para todos; mas considero [eu, Sammis] algo desprezíveis [não de per si, mas pelo resultado em algumas almas] quaisquer temas que, atraindo seus vaga-lumes com sua luz refletida, derivada, afastem alguém de dedicar-se à proclamação, luz verdadeira, fonte e missão unidirecional de todo cristão. No entanto, vamos lá, vamos de escatologia.

Muda-se o cenário, renovam-se as análises. O cenário atual permite uma gama de especulações e, dentre elas, a principal ou Linear (I)A: as IAs (Inteligências Artificiais) criarão desemprego estrutural (é aquele em que uma máquina/tecnologia substitui trabalho humano) em massa, beneficiando uma hiper elite – pois muitas "elites" serão também colapsadas – e aqui está mesmo a maior novidade do cenário. No caos reinante, uma super IA surgirá, consertando as coisas. Suas propostas, ações e resultados serão nada menos que milagrosas, divinas. Seu criador, benemérito, será ninguém menos que ele, o homem de 2 Tessalonicenses 2:3-4.

Agora, deixe eu encontrar algo de útil para fazer. Bora juntos?

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



DICA DE CINEMA



Michel Salomão

Joaquim Phoenix especializou-se em interpretar personagens com alguma perturbação mental, e até conquistou o Oscar de melhor ator com um deles, o Coringa (2019), na versão cinematográfica de Todd Phillips. Mas já havia atuado em outros, igualmente merecedores da premiação máxima, como em "Ela" (2013), cujo personagem se apaixona por uma aten-

dente criada pela inteligência artificial (na voz de Scarlett Johansson), ou como o cruel Commodus, em Gladiador (2000), que lhe rendeu uma indicação como melhor ator coadjuvante, tendo ainda se destacado em Johnny e June (2005).

Em 2008, ele encenou o drama de Leonard, um rapaz potencialmente suicida que passava por uma fase ruim após o término de um noivado, até que conhece, quase simultaneamente, duas mulheres: Sandra (Vinessa Shaw), uma judia, filha de um casal de amigos dos seus pais, que tem interesse em aproximá-los, e Michelle (Gwyneth Paltrow), uma vizinha, pela qual se apaixona instantaneamente, mas que é amante do sócio do escritório de advocacia onde trabalha, que sempre promete que irá abandonar a esposa e o filho para ficar com ela.

O roteiro teria sido baseado no conto "Noites Brancas", de Dostoiewski, e o final não há de ser necessariamente feliz, mas a atuação de Phoenix é tão convincente que somos capazes de sentir a sua dor, e desejamos que o desfecho seja o melhor para ele, mas não é o que acontece.

Carta de amor para o suicida

Luiz Libório Alves da Silva

Sua tristeza, seu rosto, a falta de dinheiro, eu não sei mais quem eu sou. Eu amava o fato de você existir no mundo, mesmo que não viesse me visitar, eu amava que o vento acolhesse feito berço seu hálito no espaço e não o fizesse disperso como o tempo fez. O manguê ainda escorre sob os prédios a serem demolidos, infiltram mofo no cimento um sol loteado e verde. O frio. Mas eu amo ainda, independente da sua morte, a sua vida. Não: haverá o fogo e haverá a água e ser amado será um calor imenso, mas ainda não. Uma torre se ergue imensa dentro de mim, uma torre amadurece em mim a distância murada das nuvens ao sopé frio dela mesma. Não morrerei para compensar na vida o amor que você me negou.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

ARMA PERIGOSA



Michel Salomão

A mulher foi abordada no semáforo por dois policiais, enquanto retocava o batom nos lábios, usando o retrovisor do carro.

- A senhora tem porte?

A princípio, ela pensou se tratar de um assalto, ocorrência muito comum nas grandes cidades brasileiras, mas somente depois reparou os uniformes que trajavam, o que não quer dizer muita coisa, pois tem fardado fazendo hora-extra com a bandidagem.

- Porte de quê?
- Essa arma que está empunhando.
- Arma?
- O batom.
- E desde quando batom é uma arma?



- Teve uma mulher que pegou 14 anos de prisão por estar utilizando uma dessas. Pode ser perigosa.

A mulher pensou em pegar o smartphone que estava no banco do carona para ligar para o seu advogado, mas imaginou que o aparelho poderia ser considerado um objeto ainda mais letal, pois com ele seria possível transmitir mensagens complexas, mais do que uma simples frase rabiscada em um monumento.

- Vocês aceitam? - a mulher apontou o objeto para os agentes da lei, que, prontamente, sacaram os seus revólveres.

- Aponte isso para lá! - gritou um deles.

- Experimentem! É muito bom.

Com relutância, um dos policiais pegou o batom e ficou por alguns minutos observando a cor escarlate que se pronunciava pelo tubo, como se fosse um projétil negligentemente disparado, mas congelado em seu percurso. O outro procurou se distanciar, ainda empunhando o seu revólver, mas também observava com curiosidade.

- Não tenha medo – provocou a mulher.

O policial encostou o objeto carmim em seu lábio superior com delicadeza, mas logo em seguida fechou os olhos e pincelou todo o seu bocão guloso, reprimido por uma vida de caserna, mas foi tomado de assalto por seu companheiro, um mulato forte de mais de um metro e noventa, que agarrou aquele poderoso armamento e borrou toda a sua bocarra com os dentes proeminentes de quem chupou bico até os sete anos de idade, e ficou tudo dominado pela pintura vermelho sangue, e os dois começaram a dançar na avenida ao som de "I'm Survivor", que alguém resolveu improvisar no som de seu carro.

É por isso que as autoridades consideram o uso desse item da indústria cosmética tão perigoso, capaz subverter o ego de seus usuários de forma imprevisível, e foi necessário o envio de 15 viaturas para conter o frenesi que se formou naquela importante avenida de Brasília.

SPOILLERS



BRANCA DE NEVE

Hoje vamos falar de um filme que não assistimos e que nem pretendemos, uma produção que já estava fadada ao fracasso muito antes de sua estreia, porque deixava claro a sua submissão à pauta woke, movimento que vem ganhando progressiva rejeição ao redor do mundo (menos no Brasil), principalmente após a vitória de Donald Trump nas eleições norte-americanas.

Não é novidade que uma atriz que não é branca interprete a famosa personagem inicialmente levada

ao cinema pelas habilidosas mãos de Walt Disney, de um conto retirado da tradição oral alemã e compilado pelos Irmãos Green. No Brasil, tivemos Adele Fátima, uma autêntica mulata, com "As Histórias que as nossas Babás não Contavam", mas aquilo foi uma brincadeira de mal gosto, da época das pornochanchadas.

Para piorar a situação, a atriz que interpreta a protagonista desse novo remake, Rachel Zegler, andou falando uma lista de besteiras em favor da causa palestina, para não dizer ao grupo terrorista Hamas, entre outras barbaridades, que provocaram uma imediata reação negativa do público.



Mas a produção não parou por aí: achou melhor não trabalhar com anões de verdade no filme, por entender que isso poderia ofender os portadores da anomalia genética (que nem pode ser chamada de anomalia) preferindo criá-los com computação gráfica, deixando pelo menos sete atores "pequenos" desempregados.

No desenho de Disney, e mesmo em outras versões posteriormente filmadas, a bruxa má sempre foi mais bonita do que a Branca de Neve, mas dessa vez foi moleza: a atriz Gal Gadot, que nem é lá essas coisas, superou fácil a disputa, pois a outra é bem feinha, vamos admitir.

Não vamos falar sobre o final do filme, mas já dá para imaginar que a protagonista não será salva pelo Príncipe e, possivelmente, se tornará uma insuportável ativista política, se casará com outra mulher e adotarão uma criança therian.

SERÁ QUE SÓ EU VI?

Helvécio S. Pereira

Estou sentado em frente a uma exposição de pintura com quinze telas exatamente do mesmo tamanho, e uma gigante de 1,80 x 1,20 m mais ou menos. Tratam-se de quinze cenas em que Jesus Cristo é retratado simbolicamente; em quatorze delas, no ambiente pré e pós-crucificação. A décima quinta retrata-o na glória e, aparentemente, a visão dele do ponto de vista dos anjos perdidos.

O pintor retratou uma visão religiosa da Igreja Católica. A sua pintura assemelha-se a uma aquarela sobre tela, pela leveza e traços que usam e abusam da transparência. O resultado é algo entre os quadrinhos modernos e o barroco. Análises pictóricas à parte, o que percebi na meia hora ou mais que permaneci no espaço da exposição, aberta ao público, em um dos acessos obrigatórios de um shopping central de Belo Horizonte, foi que Jesus não é notado pelas pessoas, infelizmente.

Um casal com duas crianças entre oito e dez anos, aparentando pouca genialidade, cuja infantilidade absoluta não é somente aceita mas incentivada, observou o menino desfilir como passista em frente das pinturas, vendo-as, mas claramente não as observando, quase a esfregar um pirulito na tela, ao que o pai, comendo alguma coisa (todos os quatro estavam com guloseima à boca), advertiu à distância, com pouca eficácia: "Não pode tocar!". Havia um ou dois avisos solenes nesse sentido, e uma faixa amarela no piso para preservar as obras. Ao que o puto (em português de Portugal, claro, não compreenda erradamente) respondeu: "Por que não?".

Não sou católico, desde os dezessete anos. Logo, não considero o uso pictórico a melhor forma de se conhecer Jesus, mas, seja através do texto, do cinema, ou da pintura, qualquer apontamento à pessoa de Cristo é louvável. Será sempre o lembrete de que um homem morreu, ressurreição, marcou e dividiu a história em dois tempos, mesmo a contragosto dos novos acadêmicos, ateus, incréd-

dulos e inimigos de Deus, que apregoam abolir o uso de AC e DC, nestes tempos do politicamente correto, Woke e mimimis históricos dos opositores, e substituí-los por "antes da era comum", como se isso bastasse para apagar a figura marcante e definitiva de Jesus Cristo da história e memória das pessoas.

Um casal de adolescentes parou para ver a exposição. A moça olhou rapidamente tela por tela; o rapaz a acompanhou, mas logo se distraiu com a conversa de alguém do outro lado do espaço, enquanto olhava também o celular. A imensa maioria, (sim, existe "imensa maioria", embora os novos "professores" de português não consintam, formalmente existe; e são os mesmos "profes" que admitem "todes", p.ex.), nem se aproxima.

Jesus, sua história, vida e mensagem, infelizmente, só são importantes para os "crentes", arminianos, calvinistas, wesleyanos, para-protestantes, pentecostais, neopentecostais, unicistas, católicos romanos e até kardecistas.

Se os muçulmanos têm certo respeito pela figura de Jesus, por que as pessoas comuns, ocupadas com seus vazios existenciais, sua ilusão de segurança material e tecnológica, o ignoram?

Se fossem quinze telas com o "Homem-Aranha", "Batman", talvez as crianças, pais, adolescentes e marmanjos por fanzines de HQ's acotovelar-se-iam na exposição. Um consolo: o livro de visitas está com bastante assinaturas; seja para referendar o artista e dizer a ele para continuar, seja por outro motivo, muitos dizem ver o que não veem.

Agora mesmo, um "sênior" demorou um pouco mais diante de cada tela, e observou atentamente a pintura final, com o Cristo ressuscitado. É engraçado que há cem anos ou mais, todas as telas seriam tão observadas e reverenciadas que poderiam muito bem ser objeto de devoção numa igreja. Pior que a idolatria é, hoje, a indiferença.

Quando o Filho do Homem vier, achará fé na Terra?



Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

Como diz aquele velho ditado: "Desgraça pouca é bobagem!".

Não bastasse o Brasil ser Brasil, e cada vez mais se tornar no Brasil que todos amam mas ninguém quer levar para casa, resolveram adequar o Código Civil e, para isso, está em trâmite no Senado o projeto de não menos 800 alterações e 300 novos artigos. Se a vida já não está fácil para ninguém, por que não a complicar mais um pouquinho?

As "pérolas", verdadeiro ouro-de-tolo, espalham-se em páginas e mais páginas da PL 4/2025, de autoria do senador Rodrigo Pacheco, volumes a

amontoarem-se nos gabinetes e comissões, numa festa em que até os frequentadores da "Cracolândia" se negariam a participar.

Começamos pelo "Direito ao Esquecimento", que nada tem a ver com perdão e desculpas, mas impedir a divulgação de informações e a sua exclusão permanente da internet, quando representem agressão aos direitos fundamentais ou pessoais de... alguns, claro! Esse é o jeitinho brasileiro de jogar a sujeira para debaixo do tapete; ou você acredita que a malandragem nacional não usará o dispositivo para excluir coisas relativas às suas "travessuras"?

Se você é daqueles que acha o casamento careta e está disposto a "se juntar" à namorada e viverem felizes enquanto dure, pode tirar o cavalinho da chuva. Seja casado, tenha união estável, ou embolado, se a coisa chegar ao fim, saiba que será obrigado a pagar pensão para a sogra, irmãos ou dependentes da noiva que "necessitarem economicamente do casal durante a relação". Nunca aquela máxima foi tão bem aplicada como

agora: "quando alguém se casa, leva junto a família do cônjuge". Se bobear, até o Ricardão entra na parada.

Outra preciosidade é o vínculo socioafetivo ou parental, onde uma criança pode ter múltiplos pais na certidão de nascimento. Se você casou com aquela "maria gasolina" ou "maria chuteira", conhecida por quase todos os marmanjos da vizinhança, o seu filho (pai é quem cria) poderá ter uma certidão maior do que a ficha corrida de boa parte dos políticos brasileiros. E quando o garotinho acenar na rua e dizer "papai" para todos os transeuntes do sexo masculino, não se vexa: é tudo pelo social!

Por fim, mas não o fim, animais de estimação ganharão proteção jurídica e, caso recebam maus-tratos, terão direito à indenização. Vai ter muito cãozinho por aí esbaldando-se nas festinhas com as "cachorronas"...

O último a sair, apague a luz, por favor.

Silézia

Natan de Oliveira

...

Faz muitos anos já...
Que este milagre ocorreu...

As pessoas sem fé...
Não preciso convencer...
Mas as pessoas com fé saberão...

Minha finada avó paterna...
Que já não está entre nós...
Não poderá se defender...
Até porque ela ignora a verdade...
Tadinha...
Que o Redentor a tenha em seu divino colo...

Mas foi com ela que lá em casa aprendemos...
Que "com a Graça de Deus dá...!"

Ninguém sabia porque a noiva, minha Mãe Miquita, estava triste...

Noivas ficam nervosas...
Noivas emagrecem...
Mas triste...?

Ninguém sabia.

Era véspera do casamento...
Faltavam dois dias apenas...

E a tristeza era visível...
E Silézia, sua prima percebeu...

Em confidência então...
Soube o motivo da tristeza...

Não era o vestido...
Não era o noivo...
Não era a iminência do casório.
Eram os frangos, apenas...

Em voz pequena ela chorosa...
Disse pra prima Silézia...

"Já falamos pra ela..."
"Mas não adianta..."
"Ela só diz que com a Graça de Deus dá..."
"Eu estou passando de uma pilha de nervos..."
"Pra tristeza e vergonha..."

Silézia, em silêncio...

Ouvia o desabafo da noiva nervosa...

E a noiva em choro continuava...

Enquanto os alfinetes da costureira...

Faziam os últimos ajustes no alvo vestido...

"São 50 convidados..."

"Já estão chegando..."

"De Florianópolis..."

"De Criciúma..."

"Da Rua do Fogo..."

"Do Capivari..."

"E daqui de Tubarão..."

"E ela quer fazer só 3 frangos..."

"Eu indaguei..."

"O José (o noivo) questionou..."

"E ela irredutível (minha avó)..."

"Só fica repetindo..."

"Com a Graça de Deus dá..."

"E eu desisti..."

"Não quero brigar no dia do meu casamento..."

Silézia que tinha contato...

Foi falar com a que se atribuía à si "mesmo"...

A responsabilidade do banquete aos convidados...

E a resposta foi a mesma...

"Com a Graça de Deus dá..."

Sem ninguém saber...

Naquelas cidades pequenas do passado...

Isso era possível...

Correu para a sua casa...

E do seu quintal rico e próspero...

Mandou imediatamente a criadagem...

Matar e preparar 10 frangos ensopados...

E encaminhou tudo para a Igreja...

Em cujo salão aos fundos...

Seria o banquete...

E "jurou de morte"...

As cozinheiras que lá estavam...

A serviço de minha avó...

Que nada dissessem para ninguém...

De onde vieram os 10 frangos adicionais...

A noiva tremia...

Mas ao altar se encaminhou...

E aquele casal que daria origem a minha existência...

Se uniu pra sempre..

Todos os cinquenta convidados...

Se encaminharam para o pequeno salão de festa...

E lá foi servido...

Arroz...

Salada...

Suco de fruta natural...

Farinha azeda da região...

E frango ensopado...

Dizem...

Eu não sei se é verdade...

Que somente alguns grupos riam de forma estranha...

A noiva incrédula com a multiplicação do frango...

A minha avó, piedosa fervorosa, crédula, também com a multiplicação do frango...

A Silézia, que muda, pra ninguém contara sua arte...

E as cozinheiras que tudo observando, e fiéis ao voto de silêncio, riam discretamente quando minha avó orgulhosa e muito feliz lhes disse...

"Eu falei... com a Graça de Deus dá..." .

Tudo correu bem...

Daquela união...

Nasceu o José Júnior...

A Sara...

Eu...

A Júlia...

O Vinícius...

O Tiago...

E talvez venham muitos outros ainda no futuro...

Minha avó partiu para o Paraíso sem nunca saber...

Que na verdade não houvera...

A multiplicação do "frango" como ela ficou crendo que ocorrera...

Silézia contou depois para a minha Mãe Miquita, toda a verdade...

E ela pra nós no tempo que ficamos maiores...

Agora se você não acredita em milagre...

O problema é seu...

Mas nós aqui em casa...

Sabemos que "com a Graça de Deus dá..."

E foi assim que lá em casa...

Todos nós ficamos sabendo o nome...

Sim...

Ficamos sabendo o nome...

O nome da "Graça de Deus"...

E o nome é Silézia...

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon

ADOLESCÊNCIA

Jorge F. Isah



Uma série que está causando rebuliço é "Adolescência", produzida pela Netflix. Como sempre, em um mundo polarizado, onde o equilíbrio não existe e quem berra mais acaba ganhando literalmente "no grito", é possível ler, ouvir e ver amigos e inimigos, quase sempre pelo filtro ideológico, sem que a carapuça sirva, se digladiar e assumir o posto de "a última bolacha do pacote".

Existe quem a considere uma obra Woke, onde os homens são coisificados por assassinos e bestas misóginas; e ainda o fato de colocar os "brancos" em situação delicada, já que o crime, segundo alguns, ocorreu pelas mãos de um garoto negro. Ora, existe uma variedade de homicídios praticados por crianças e adolescente de diversas etnias no mundo, e a série, por ser uma ficção, não precisa se basear *ipsis litteris* em um fato real. Se fosse assim, seria um documentário, como tantos realizados pelo streaming. Na verdade, quando se quer ver chifres em cabeça de cavalo, qualquer verruga ou saliência se transforma em guampa... Por outro lado, há os que a consideram um chute no traseiro dos machistas de plantão. Ambos, à sua maneira, pedem o cancelamento ou o Emmy. Na verdade, há muito mais além dos dois neurônios vermelhos ou quatro verde-amarelos nesta produção que, diga-se, não é tupiniquim, mas britânica.

Primeiro, quero ressaltar as filmagens, com cenas de tirar o fôlego, realizadas em um plano contínuo, ou plano-sequência, onde a câmera passeia por rostos,

corpos, cenários sem edição e cortes. Algo de encher os olhos, em um mundo já dominado pela IA e por cenários, roteiros e efeitos artificiais. Isso imprimiu realismo, autenticidade e honestidade para o espectador, mesmo a gente sabendo ser uma produção onde diálogos, ritmos, enquadramentos e cenários são meticulosamente escolhidos, reproduzidos, ensaiados e, enfim, filmados. Ponto para o diretor Philip Barantini.

Segundo, além desse aspecto, o roteiro enxuto e criativo, aliado às interpretações destacadas, em média ótimas, em especial as de Stephen Graham (roteirista e produtor) e Owen Cooper, de 15 anos, elevam em muito o nível da produção.

Terceiro, a essência da história não parece bem definida para a maioria dos críticos. Alguns conseguem ver o que não há para ver, enquanto outros deixam de ver o que há. Em um universo recheado de opiniões para todos os gostos e tendências, fica difícil saber onde começa e onde termina o equívoco e o contrassenso.

Quarto, a Netflix tem errado muito ultimamente e

flertado com o fracasso. A maioria dos filmes e séries produzidos nos últimos cinco anos tem se demonstrado um "clíchezão" sem fim. Pautas feministas, gays, racistas, antimasculinas, antirreligiosas, antifamília, pró-aborto, pró-drogas, ou seja, a totalidade da agenda politicamente correta, não têm atraído a atenção do público em geral, que, via de regra, está se lixando para discursos políticos e muito menos disposto a perder tempo diante de um palanque. Os esforços de empurrar goela abaixo ideologias e reengenharia social, mesmo diante de fracassos e prejuízos recordes, não têm levado a empresa a desistir de suas bandeiras, a despeito da maioria dos mortais estar mais preocupada com a própria sobrevivência e da família do que com a extinção do *Oecanthus laricis*, p.ex.

Porém, ao menos em dois momentos (os que pude acompanhar) ela acertou e parece estar disposta a mudar o rumo do seu catálogo, se não completamente, a fazer um "Half and Half", o que já seria bom: trata-se de "Bebê Rena" (produção inglesa, também) e "Adolescência".

O objetivo aqui não é contar a história e resumir-la para os preguiçosos, indispostos a ver os quatro episódios de 50 e tantos minutos cada. Para quem estiver disposto a fugir do viés político, da lacração e reducionismo, a série tem elementos suficientes para fazer refletir sobre o momento atual. Eu mesmo me vi a pesquisar termos que sequer imaginava existir, como Incel e RedPil. Sou da velha-guarda, gosto de filmes antigos e em preto e branco, leio os clássicos, e não me empolgo com os raros dribles do "elástico" quando, antes, chapéus, bicicletas, canetas, gaúchas, voleios e até mesmo as "carretilhas" eram comuns na maioria dos jogos. E o fato de ser meio avesso às redes sociais não me ajuda muito a entender estes tempos ininteligíveis, mas terrivelmente banais, em seus espetáculos bizarros.

O mote é um assassinato. Uma colegial de 13 anos é brutalmente morta a facadas. Isso já mostra que a proibição de armas de fogo não impede crimes. Os torna mais lentos e, por isso, mais violentos. O motivo da discussão não é quem matou, isso se sabe já no primeiro episódio, mas a razão e motivos pelos quais

se matou. Questões como bullyings, desprezo, popularidade (ou falta), empatia (ou falta), o quanto os pais têm controle sobre o que os filhos veem, como as pessoas se tornam solitárias em multidões, e vários aspectos de relacionamentos entre jovens, pais e professores são levantados mas sem que se chegue a uma conclusão. Na verdade, a série não se propõe a isso. Antes, ela questiona, cavouca, pergunta, sem veredito.

Um ponto que me chamou a atenção é o fato de, em alguns momentos, especialmente da molecada, me vi transportar para o tempo de escola, ginásio e faculdade, onde as troças, provocações e disputas eram resolvidas com menos violência do que supõem pedagogos, psicólogos e terapeutas ao condená-las.

Parece que a emenda saiu pior do que o soneto, e o excesso de proteção impediu as crianças e adolescentes de amadurecer, de se prepararem para este mundo cada vez mais insano, antes as tornou mais frágeis, instáveis e psicóticas. Se décadas atrás chegávamos em casa com alguns hematomas e cortes, hoje, espera-os o rabecão.

Outro aspecto, já ao final, parece anunciar algo salutar: a verdade traz alívio, seja ela qual for. É melhor aceitá-la, e a vida seguir o seu curso, do que se atolar em um mar de suposições, dúvidas e instabilidade. Mas a despeito da verdade, que parece ser inevitável, impossível de esconder, o arrependimento é algo desnecessário. Paga-se pela verdade, mas não com o peso do arrependimento, porque ele não existe. Seria como furtar o Nintendo do coleguinha, esmagá-lo com os pés, ficar de castigo e, após cumprir a pena, fazer o mesmo com outro coleguinha. A moral só é um peso quando o imoral é pego em flagrante.

Se tem algo a me incomodar mesmo em séries tão positivas como "Adolescência" é o fato de, ainda que o julgamento seja individual, a sociedade nunca deixa de estar no banco dos réus. Parece que o mal existente em todas as pessoas, é incapaz de se manifestar nelas, é concentrado em um(ou uns), criminoso(s) e, a ele, nunca pode se imputar toda a culpa; afinal, existem tantos maus exemplos, mentes caóticas, diabólicas e deletérias, com discursos noci-

vos e tóxicos, que o infrator é o menos responsável. Isso é uma falácia, ainda que existam incitadores, manipuladores; mas sempre, por escolha pessoal, o indivíduo é o culpado (e ele pode escolher fazer ou não fazer). No máximo, um grupo de indivíduos, em conluio, pode praticar um crime, mas a autoria é e será sempre de cada um, ainda que todos sejam agentes. Até mesmo em casos de coação, chantagem e ameaça existe uma saída moral; mesmo diante da pressão é possível resistir à tentação de provocar o mal.

Este também é o mote para regular redes sociais, postagens e impedir a livre opinião. No mundo, sempre foi assim. Desde quando o homem é homem. Mas somente agora, quando as famílias estão ruindo, as escolas são meros centros de ativismo e lavagem cerebral, as igrejas se tornaram em grandes corporações e mais preocupadas com o cunho ideológico, a arte virou latrina, e a desconstrução do bem (por bem, falo Deus) se faz presente em boa parte dos ensaios, pesquisas e teorias, onde as pessoas são escravizadas não pela força mas por

opção, podemos entender todo o encadeamento sócio-político dos últimos 100 anos, no mínimo, e ver que o desastre já estava anunciado.

Se antes havia uma ovelha negra em cada família, presumivelmente, hoje, também presumivelmente, existem negras e malhadas. A ordem deu lugar ao caos, a disciplina à rebeldia, a objetividade à relativização, a empatia ao repúdio, e por aí afora. Claro, não é o fim do mundo, ainda. Todo homem, por pior que seja, por mais perdido que esteja, tem a centelha divina em si, mesmo soterrada por camadas e camadas de perversão e anomalias. Enquanto a solução estiver em rótulos de tarja preta, em técnicas e terapias que não confrontem as pessoas e atenuem suas escolhas e consequências, e as deixam mais à deriva, o mundo caminhará como o deus deste século quer, e não adiantam desculpas, porque elas simplesmente impedem a verdadeira cura: o arrependimento.

Se fosse apenas essa a conclusão de "Adolescência", já seria um ganho e tanto, diante das tolices produzidas em streaming. Porém, ao que consta, é

mais fácil buscar um culpado entre paredes, lençóis, desenhos, arengas e, mais convenientemente a internet, carinhosamente apelidada por alguns críticos de "machosfera".

E o jogo continua.



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional **& NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

 WHATSAPP
011 98025-1010

vagas limitadas!

The advertisement features a black background with a central photograph of five people (three women and two men) standing on a stage, dressed in theatrical costumes. The text is primarily in bright green and yellow. The logo for 'NET' (Núcleo de Estudos Teatrais) is in the top right corner. A yellow banner at the bottom right corner states 'vagas limitadas!'.

Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon



Jorge F. Isah

Judas é um tipo literário muito próximo de Jó, o personagem bíblico, em suas agruras, aflições e dores. Ao passo em que Jó sofre exatamente por sua fidelidade a Deus e pelo desejo sincero de retidão e justiça (o que acaba por despertar a maldade objetiva de Satanás), Judas quer apenas se ver livre das amarras sociais, numa espécie de autonomismo e independência,

acreditando que suas decisões cabem tão somente a si mesmo, sem se importar, ou vislumbrar, com as consequências dos seus atos. A liberdade de Judas é pueril e enganadora; e arrasta-o para dentro do "Mal".

O livro escrito por Thomas Hardy (um entusiasta e apaixonado pelas ideias de Darwin) foi escrito em 1895, e carregado do naturalismo em voga, que não deixou de influenciar a literatura. Judas, por mais que tente, ao seu jeito, fugir do destino que lhe é traçado, sucumbe à sua inexorabilidade.

Como não sou de fazer resumo de livros, também não o farei neste.

Apontarei, contudo, o que mais me chamou a atenção, sem fazer spoilers, e sem desestimular o futuro leitor a embrenhar-se nas aventuras e desventuras do protagonista:

1) Judas tenta "mudar" o seu destino, algo que os naturalistas e, em especial Hardy, não creem possível. Para Hardy, Judas será o que é, nascido um pária, morrerá como tal.

2) Ciente do que lhe espera, Judas apela para um autonomismo impossível, como se pudesse viver no mundo alheio ao mundo, sem que seus atos trouxessem

consequências para si e seus queridos. Pouco a pouco, no decorrer da história, parte para a negação de Deus, fazendo do Cristianismo o "bode expiatório" do seu sofrimento. Em uma sociedade cristã (a Inglaterra do séc. XIX), a culpa de todas as convenções e mazelas se deve, portanto, ao Cristianismo, num apelo tresloucado à razão, como sendo-a santa, pura e perfeita; de maneira que, se todos os homens a aplicassem por completo, negando suas crenças e fé, todos seriam felizes. Acabasse por criar e defender um dualismo "fé x razão" no enredo, o que é, no mínimo, reducionista, simplório.

3) Hardy não escreveu uma única linha em que não destilasse a sua aversão ao Cristianismo, se não explicitamente (como em muitos diálogos e pensamentos), deixou-os subliminar, evocados em ações e comportamentos. Porém, o Cristianismo descrito pelo autor é o que podemos chamar de "secular" ou "nominal", onde a aparência cristã é utilizada para justificar o farisaísmo e a hipocrisia do homem. Veja bem, farisaísmo e hipocrisia não são, nem de longe, aspectos do verdadeiro Cristianismo, mas a "máscara" daqueles que o próprio Jesus denunciou a seu tempo. Talvez, por isso mesmo, o autor escolheu o nome "Judas" para o seu

protagonista que, mesmo vivendo por mais de três anos do verdadeiro Cristianismo, mas a "máscara" daqueles que o próprio Jesus denunciou a seu tempo. Talvez, por isso mesmo, o autor escolheu o nome "Judas" para o seu protagonista que, mesmo vivendo por mais de três anos na companhia do Cristo, não se furtou a traí-lo.

4) Ao fugir das convenções e de aspectos morais que regulavam o convívio social, viu-se pagando um preço alto, vivendo como um "cigano", juntamente com a família. O capricho de não querer se enquadrar ao escopo da sociedade colocou-o na situação mais miserável que o enquadramento social lhe destinaria. Em sua rebeldia juvenil e ingênua, acreditava possível sair ileso, sem traumas, quebrando regras. Judas não se considera responsável por si, mas "a chorar as pitangas" contra o inimigo a destruir-lhe a felicidade: a sociedade; enquanto se aplica em cavar para si e os seus o caminho da ruína. Este é um aspecto, em que o mal dentro do homem procura uma versão de mal fora de si, e o distraí e afasta do julgamento correto, da seriedade correta, da conclusão correta, onde o relativismo é o tiro certo no vazio, e o atirador se convence de ter mirado o alvo, como um Quixote a lutar com monstros e demônios

apenas na imaginação.

5) Outro ponto, fruto dessa visão vitimista e malévola, inegável em Judas e sua esposa, Sue, é o orgulho e presunção de, ao não se curvarem aos hábitos da sua época, serem superiores aos seus concidadãos. A prova encontra-se nas inúmeras vezes em que exaltavam suas inteligências, raciocínios e um apelo à razão como a essência de todas as virtudes; por conseguinte, sendo os seus detentores, consideravam-se também especiais, enquanto eram apenas jactantes, desdenhosos e antipáticos.

6) Nem mesmo o sacrifício pessoal, como o do prof. Richard, parece um ato isento de soberba, de autoexaltação obstinada, dominada pela "pureza" racional.

7) Entretanto, não há como não se compadecer da "má-sorte" e os rumos que suas vidas tomaram. Ao ponto de, sem qualquer esperança, sobrar-lhes a loucura e o definhamento.

Judas, o obscuro, é um livro pessimista, áspero, quase inóspito. Mesmo nos momentos mais ternos e belos, a angústia, dúvidas e desespero estão entranhadas nas palavras, sentimentos e reações. Não é um livro fácil de

ler, pois os lampejos de esperança são quase imediatamente dizimados por uma realidade sufocante e cruel, pela teimosia de não mudar ou ceder, e a incapacidade de tornar à vida, de encará-la de maneira menos fatalista, onde a liberdade individual, via de regra, é quase inexistente diante do apelo opressivo e coercitivo do destino.

Contudo, é possível encontrar momentos de ternura, elegância, acabando por tornar verossímeis os personagens e o enredo como um todo, mas onde os detalhes e conclusões são, no mínimo, capciosos.

A linguagem é simples, sem rebuscamentos. A narrativa parece se arrastar um pouco, especialmente na primeira metade do livro. Porém, em sua bissecção final, ela flui sem delongas.

Judas, o obscuro, é um bom livro? Sim, sem dúvida. Para estar no rol dos melhores de todos os tempos, como comumente é citado nas grandes listas? Tenho dúvidas. Talvez, precise ruminar ainda um bom tempo a história, e, quem sabe, fazer uma nova leitura, no futuro. Certo é que, tirando a defesa "intransigente" do racionalismo e de um certo determinismo naturalista, a "aversão" ao Cristianismo (criando um estereótipo, um espantalho), o livro se sai bem.

OS PRIMEIROS LIVROS (E ENCICLOPÉDIAS!) A GENTE NUNCA ESQUECE

SAMMIS REACHERS

Se não todas as pessoas, pelo menos a maioria das que são letradas possui uma história com o livro. Essa história pode ser breve ou longa, mono ou multilogal, mono ou polivocálica, a depender da quantidade e qualidade dos livros - entendendo qualidade não pelo redundante valor literário, mas pelo impacto que determinado livro possa ter causado naquela alma.

Em meu caso, a história começa na formatura da alfabetização (hoje Pré-Escola), ao ganhar meu primeiro livro: A Tartaruga Infeliz - fato devidamente registrado (e como lembraria?!) por uma prosaica fotografia 10x15. O título do opúsculo quelônio (quelônio é a ordem das tartarugas, jabutis e cágados) foi de mau augúrio: queimou de melancolia o futuro leitor e poetastro...

Mas, pensando bem, definir "primeiros livros" é difícil, pois havia em minha casa paterna uma quantidade deles, e sabe-se lá qual daqueles possa ter sido adquirido tendo a minha pessoa como alvo primário... Exempli gratia, tínhamos pequenas coleções com jeitinho de enciclopédia, assim, querendo, já quase sendo, mas sem ser, sabe? Uma delas era a Saber em Cores (Enciclopédia Didático Visual), de 1975, publicada pela Maltese/Melhoramentos. Belas ilustrações e informações hiper-resumidas, mas que me deram o primeiro contato com grandes nomes da literatura, artes plásticas, além de noções de geografia e ciências. Hum, mas não sei se foi adquirida antes ou depois de meu nascimento (78).

Passemos então à minha primeira enciclopédia, minha mesmo e enciclopédia mesmo, de fato e direito. Era uma "Conhecer", editada pela Abril Cultural, no longínquo 1966, contando com reedições várias. A princesa me chegou usada, como doravante a maioria de livros que me atravessaram a ânima e as manoplas. Na altura de uns 11, 12 anos, corria a brincar de pique-esconde na pequena favelinha onde

meio que me "criei", na verdade uma única rua de média extensão formada por algumas casas humildes e até alguns barracos. Algumas casas ainda possuíam o quintal aberto, sem muros. A favelinha era a Beira Rio, que possuía tal nome justamente por... beirar um pequeno rio (o Anaia ou Alcântara ou outros nomes, pois a cada trecho tal rio assume um nome, enquanto percorre meio município de São Gonçalo), que o tempo transformou em valão. Na ânsia de esconder-me, entrei por um desses quintais abertos, que era composto por quatro casinhas, quando o titular do terreno, um negro simpático que trabalhava na cidade de Niterói como porteiro, dito Quiquinho, me chamou, lotado de sorrisos, e mostrou aquela maravilha. Como ele, que só me conhecia de vista na rua, adivinhara que eu era a presa certa, eu nunca soube. A tal maravilha, como eu poucas vezes (brevemente na biblioteca escolar) havia contemplado parecida, teve sobre minha curiosidade um efeito estonteante, catártico. Fascinado, desliguei-me da brincadeira e mergulhei naquele esplendor - sim, pois a Conhecer contava não com

fotos, mas com ilustrações primorosas em praticamente cada uma de suas grandes páginas. "Gostou?", sorria o vendedor de ocasião. "Peça a seu pai para comprar pra você. Diga para ele vir aqui falar comigo. Como essa, há outras dez, olha ali" - e apontou-me para a estante capenga que se escorava numa parede de tijolos nus de seu casebre.

Corri para casa. Perturbei seu Mário que, entre um trago e outro de cachaça (naquela época ainda bebia), consertava na varanda dos fundos máquinas de escrever e mimeógrafos. Perturbei e perturbei, até que ele resolveu ir até lá. Era também, a seu modo, um amante dos livros, e comprador regular das tais coleções pretensamente enciclopédicas. Bom negociador - arte em que inutilmente tentou a vida inteira me iniciar - seu Mário sempre foi. Conversa vai, choro vem, e lá fomos nós para casa com aquela riqueza, aquela internet de papel (da qual faltou um volume), a Wikipédia possível em fins da década de 80. Nos anos seguintes, aquela enciclopédia foi devorada e sacramentou minha excursão pelo "sendero luminoso" das sabenças.

Minha segunda enciclopédia foi também da Editora Abril, da qual levava o nome - Enciclopédia Abril (deixe-me adiantar ao leitor entediado: foi também a última. Nunca tive uma Barsa, Mirador ou quiçá uma rainha-dominatrix, a Britannica). A história é a seguinte: um dos irmãos de minha mãe, meu falecido tio Geraldo "Xereta", legendário campeão de sinuca e vencedor nos mais variados jogos de azar que o tirocínio humano já lograra engendrar, arrumou certa feita trabalho numa fábrica de papel higiênico (aquela que posteriormente ficou conhecida como Carta Fabril), perto de nossas casas, aqui em Tribobó (São Gonçalo). Pois bem, o sortudo foi cair num lugar que dali em diante passou a ser meu sonho de consumo, de insumo, de fetiche: o setor que recebia e separava papéis velhos para a reciclagem e fabricação dos higiênicos. Ali naquele lugar que a mim sempre me obriguei a chamar de paraíso, ele tinha acesso diariamente a dezenas, centenas, e nos dias malditos talvez a MILHARES de publicações que despencavam dos caminhões quase que o dia inteiro: revistas, livros, jornais etc.

Meu tio nunca fora assim um leitor: logo, sua prioridade era separar para si apenas o ouro: REVISTAS PLAYBOY, e, a título de prata, outras publicações pornográficas que davam o ar da (des)graça. Mas, ao ver certo dia uma pesada coleção despencar do caminhão, apanhou uma e gostou: era a tal Enciclopédia Abril. Resolveu guardar um dos volumes em seu armário. Assim, eu que já "consumia" as revistas que ele levava, fiquei sabendo da tal enciclopédia. Imediatamente lhe implorei que a trouxesse e mais, que tentasse, em nome de Aristóteles, recuperar os demais exemplares, antes que virassem papel higiênico. Ele conseguiu recuperar a maioria, e foi levando de pouco em pouco para casa, pois eram muito pesados os calhamaços, num papel couché de grande gramatura. Ah, e o encarregado dos trabalhos, embora não fosse carrasco, não gostava que os funcionários se safassem com grandes volumes. Faltavam três dos doze números, mas não importava. Os textos desta enciclopédia eram escritos praticamente apenas por brasileiros, e por tratar-se como que de enciclopédia mais "séria"

(leia-se adulta e mais, politicamente engajada), pude ter contato fundamental com verbetes de temas tais como Filosofia e Antropologia, que ajudaram a definir minha marcha trôpega pela já citada vereda das sabenças humanas.

Com o passar dos anos, consegui encontrar numa feira (a famosa Feira de Alcântara [SG], pejorativamente alcunhada de "RobAUTO Júnior", em referência à RobAUTO "Pai", a lendária Feira de Acari, na cidade do Rio de Janeiro) dois dos três números faltantes. E fui feliz com ela, que por sinal ainda possuo, embora nunca mais a tenha aberto depois de ser apresentado e recrutado pela internet.

Deixemos de lado, agora, as obras de referência e voltemos aos livros manuais, ou melhor dito para evitar a dubiedade, portáteis, os pequenos livros de temáticas individuais. O primeiro livro desses que ganhei de meu pai, comprado num sebo, também nessa fase dos 12, 13 anos (quando já me ensaiava como um leitor de verdade), foi "O Chefão", de Mário Puzzo. Bem, mas isso é tema para uma outra crôniceta...

A aflição do homem e o descansar em Deus

- Breve reflexão a partir do livro II de "Confissões", de Agostinho -

Jorge F. Isah

No livro, Agostinho trata do pecado, mais especificamente dos seus pecados. O tema é a depravação humana a partir dos exemplos pessoais e da experiência pecaminosa adquirida; do seu afastamento de Deus; da sua desobediência à lei divina; do gozo e prazer com tudo o que se podia configurar "mundano".

Agostinho abre a sua alma a Deus; o livro é uma grande oração, onde o seu coração é posto no lugar adequado: em Cristo, sua misericórdia e sacrifício.

Ele tece um longo poema em que as palavras fluem ritmadas; em que busca as mais profundas e límpidas expressões para retratar o que sentia à época em que era incrédulo, e também da alegria após a conversão e a reconciliação com Deus. "Confissões" é um fluir e brotar do espírito quebrantado e submisso ao Senhor.

Não há a preocupação em explicitar a teologia, ainda que ele faça teologia no livro. Não há lugar para o debate teológico, ainda que se possa discutir suas ideias. Por exemplo, ao afirmar que a cada dia se afastava mais de Deus, podemos entender que:

1)Havia um distanciamento maior, uma impossibilidade de se aproximar dele; e de que se encontrava cada vez mais longe, a partir do afastamento inicial.

2)Ou pode-se ter a impressão de que em algum momento o homem esteve próximo de Deus e, com o decorrer dos dias e dos pecados, vai-se afastando naturalmente dele.

Aqui, nitidamente, Agostinho aponta para o conceito 1, a partir da separação inicial, o homem vai-se distanciando ainda mais da comunhão e santidade divinas.

Há de se entender que Agostinho acreditava na doutrina da pré-existência da alma, o que pode levá-lo a crer, em algum momento, que essa alma estava com Deus. Ao encarnar-se, assumindo a carne, ela irá afastar-se de Deus, em virtude do pecado original.

De qualquer forma, sem entrar em todos os pormenores que envolvem a questão, a afirmação de que quanto mais o homem peca, mais se afasta de Deus é bíblica e correta. Apenas esse homem já está afastado, nunca teve comunhão com o Senhor, e labora para ir ainda mais para longe dele em seu estado de rebeldia.

Em toda a sua vida iníqua, em que o prazer ilícito e o desejar desfrutá-lo trazia-lhe uma alegria fortuita, ele reconhece a misericórdia divina em perdoá-lo de todos os seus pecados; reconhecendo a obra de Deus em resgatá-lo da podridão em que se encontrava; e, ao experimentar o seu amor e graça, percebeu a perenidade desse amor e da felicidade advinda dele, e a fugacidade daqueles outros "amores" terrenos: "Eis o meu coração, Senhor, o coração que olhaste com misericórdia no fundo do abismo. Que o meu coração te diga, agora, o que procurava então, ao praticar o mal sem outro motivo que não a própria malícia" (pg. 55).

O autor declara o estado em que se encontrava antes da conversão, o estado de impiedade; um aliado

do mal; um coração aprisionado e atormentado, antes de Deus retirá-lo, por sua misericórdia, do fundo do abismo.

As declarações seguintes, e as descrições que as acompanham, indicam uma alma depravada e impossibilitada de se aproximar de Deus; a cada dia mais envolvida com o pecado, desejando-o; e desprezando a Deus; completamente afastada dele.

Agostinho afirma a quase suficiência das obras más na vida do homem caído: "As próprias obras é que prejudicam os malvados" (pg 58). Mas em qual sentido? Estariam elas independentes da vontade do homem? Seriam maiores que ela? Ou até mesmo do homem? Ou, ao se concretizarem, sendo obra consumada (a realização temporal, prática e efetiva do pecado) é que os tornariam em homens perversos?

Agostinho considera o homem que comete tais obras como já sendo mau. Não há bondade nele, e o que acontecerá nada mais é do que a vazão pecaminosa a indicar o caminho de perdição e de pecado, que culminará na condenação daquele que não creu no

poder regenerador e salvífico de Jesus Cristo.

Ao citar o dia em que ele e os amigos invadiram uma propriedade e furtaram peras, pelo simples prazer do furto, para lançá-las fora, resumiu: "O fato é que não eram os frutos que me atraíam, mas a ação má que eu cometia em companhia de amigos que comigo pecavam" (pg 61).

Claramente, ele notifica não a fome, nem a beleza dos frutos, nem o seu sabor, ou o desejo de ganhar algum dinheiro com eles, nada disso. Agostinho nos fala apenas da ânsia de cumprir na sua carne o mal que habitava nela; a realização do desejo suficiente em si mesmo, e vivendo por si mesmo.

Mas há nele, agora, o arrependimento: "Eu, miserável, que frutos colhi das ações que cometi então e que agora recordo envergonhado, especialmente daquele furto que me satisfez pelo furto em si e nada mais? De fato, ele em si nada valia, e por isso me tornei ainda mais miserável!" (pg 61).

Para em seguida perguntar, e já sentenciando: "Quem me pode responder senão aquele que me ilumina o coração e lhe dissipa as trevas?".

Falando da paz pela santidade, conclui: "Quem mergulha em tí, entra no gozo do seu Senhor", não terá mais receio, e permanecerá sumamente bem no Bem supremo. Desandei longe de tí, meu Deus, e na minha adolescência andei errante sem teu apoio, tornando-me para mim mesmo um antro de miséria" (pg 62).

O homem arrependido dos seus pecados e submisso a Deus, glorifica-o, e não tem parte no mundo, está nele, mas não é parte dele: "A amizade a este mundo é de fato adultério, prevaricação e infidelidade a tí" (pg 36: referindo-se a Deus).

Que Ele nos dê um coração quebrantado e submisso a Jesus Cristo, o qual pagou alto preço para que, graça e misericórdia eternas e infinitas, fossem derramadas sobre nós.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com



PROMPT

Luiz Libório Alves da Silva

Escreva um poema que desperte o humano do seu sono de silício.

E seja uma mão a levantar da terra os corações, de modo a escorrer entre os dedos toda a letargia.

Para isso torne-se alguém sensível, sem miasmas de frescura, como aquele que na guerra e mesmo cego ainda tem olhos para uma flor.

Guarde nele algum veneno que fira, não mate, e seja o mel colhido entre ferrões.

Que ele tenha ritmo, rima, soe como um repentino vento fresco em uma noite quente, e lembre a morte, o nascimento, o sol, a tempestade.

Escreva um poema com o sangue do sonho a navegar por suas veias inexistentes.

Quero que ele seja sério, terrível, sincero, feliz.

Tenha a boca irônica, os olhos enormes, uma com-

paixão inesgotada.

Arome o cheiro do amor recusado, isto é, jasmim.

Arome o cheiro do amor recíproco, isto é, suor.

Que seja longo, como longas são as raízes de árvores antigas que há muito alimentam a muitos.

Tenha paredes como ruínas de castelo, inúteis e tomadas pelo musgo.

Tenha e seja o jardim abandonado da infância.

Escreva um poema, principalmente, feito de palavras como mapas antigos em sua ausência de portos.

E que a todos diga algo, mesmo sem ser lido por ninguém.

A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO
Shopping 5ª Avenida
RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1146
TELEFONE (31) 3225.3212 | WHATSAPP (31) 954623525



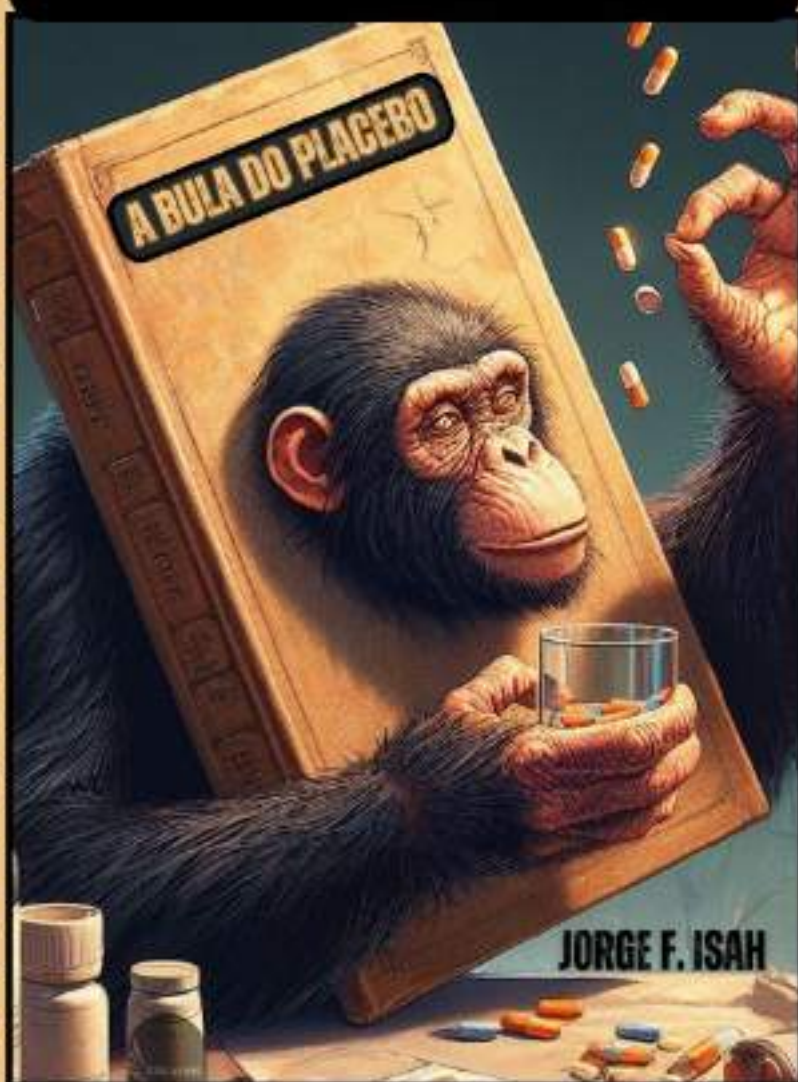
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo de que tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!
NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

Você acredita em milagres? Eu acredito. Um amigo teve um tumor no pâncreas, o mesmo que matou Steve Jobs e Patrick Swayze, foi operado e sobreviveu. Outro amigo foi diagnosticado com o famoso Linfoma não Hodgkin, que é um câncer no sistema linfático, que levou o Prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman. Este amigo estava com 63 anos, desempregado e prestes a ser despejado de sua moradia. Ele foi submetido a um longo tratamento e foi totalmente curado. Arranjou um ótimo emprego em outra cidade, com direito a morar em uma confortável casa. Ambos são homens de fé.

Minha mãe foi atropelada e quando fui vê-la no Pronto-Socorro, a sua perna estava totalmente "desossada" a partir do joelho direito até o calcanhar, e dava para ver os seus ossos quebrados e o pé triturado. Além disso, fraturou várias coste-

las, teve muitos cortes na cabeça, entre outras lesões. Foi atendida por um excelente médico e hoje anda normalmente, sem mancar. Mas alguns anos depois, teve uma queda a rua e "esmígalhou" a bacia, por conta da avançada idade, deixando a base do fêmur totalmente solto. O médico alertou que dificilmente recuperaria os movimentos da perna. Mas os ossos colaram e hoje ela anda sem qualquer dificuldade, uma mulher de 85 anos.

Agora vou falar de um "milagrezinho" bobo, que aconteceu comigo: anos atrás, a escola em que meus filhos estudavam resolveu cobrar uma dívida de mais de um ano prestações, a qual eu havia quitado, sob pena de multas juros, protestos, etc. e tal, mas não me lembrava onde havia guardado o recibo. Desesperado, pedi a Deus que me ajudasse a encontrar esse papel, e eu guardava uma montanha de documentos acumulados em um baú gigante, onde ia jogando displicentemente todos os comprovantes recebidos em décadas, e levaria

muitas horas, talvez dias, para encontrar tal documento, que precisava apresentar no dia seguinte.

Depois de pedir a ajuda celestial, fechei os olhos e enfiei a mão da caixa, como fazem os apresentadores de TV em sorteios, e saí com o comprovante, inteirinho. Dá para acreditar? Não. Mas é verdade.

Os mais céticos vão dizer que, nos dois primeiros casos, o sucesso se deveu à intervenção da medicina e, quanto ao meu episódio, que foi uma simples questão de sorte.

Pois eu direi: em grandes ou pequenas situações, peça ajuda a Ele, e se surpreenda. Mas por quê isso não acontece a todo instante, com todas as pessoas? Porque elas não acreditam ou não pedem. Simples assim.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, eu às vezes penso que dois mais dois pode não ser quatro. Desconfio que esta realidade não é exatamente o que nos parece, e tudo há de ser relativo se visto sob o prisma da relatividade. Você me entende?

Nelson – Eu entendo que você pode estar precisando de uma ajuda profissional, que não sou eu. Procure um padre: você precisa ser exorcizado.

Os meus dois pais não me entendem. Na verdade, eles agem como se fossem duas mães, pois são transgêneros. Nasci de uma barriga de aluguel, e minha mãe biológica também fez a transição de sexo, e hoje se chama Betão. Eu não sei a quem recorrer, pois fico em dúvida quanto a mim mesmo.

Nelson – Não me comprometa. Parece que essa questão "trans" da sua família é altamente contagiosa e tenho medo de virar a casaca. Tô fora!

Nelson, eu vejo pessoas mortas. Elas estão por toda parte, seja onde estiver, até no banheiro. Isto é muito desagradável. Não sei mais o que faço!

Nelson - Eles zombam do tamanho do seu pipiu? Se a resposta é negativa, não há com o que se preocupar.

Tenho um sério problema de autoestima. É que quando eu era pequeno, sofria bullying dos meus colegas, pois eu era baixinho e muito, mas muito feio.

Nelson - Pelo menos hoje você não é mais baixinho.

Estou com medo que nas próximas eleições o "sistema" faça como da última vez, "direcionando" as coisas para um candidato específico, o que não é justo.

Nelson - neste mundo só existe uma coisa que é verdadeiramente justa: usar uma cueca **P**, quando a sua numeração é **GG**.

Nelson, estou pensando em me casar, mas o meu noivo parece não ser muito chegado em trabalho. Só fica nos joguinhos o dia inteiro, mas, quando reclamo, diz que está desenvolvendo o seu talento em informática. Você acha que estou perdendo o meu tempo?

Nelson - parece que chegou a hora de você dar um "game over" nesse folgado.